



A ROSA DO DESERTO

Hidropoéticas do lugar no habitar urbano contemporâneo

Diana Alexandra Bernal Arias



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DIANA ALEXANDRA BERNAL ARIAS

A ROSA DO DESERTO

HIDROPOÉTICAS DO LUGAR NO HABITAR URBANO CONTEMPORÂNEO

CAMPINAS

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DIANA ALEXANDRA BERNAL ARIAS

A ROSA DO DESERTO

HIDROPOÉTICAS DO LUGAR NO HABITAR URBANO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia na área Análise Ambiental e Dinâmica Territorial.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

CAMPINAS

2015



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Autora: Diana Alexandra Bernal Arias

Título: A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar urbano contemporâneo

Orientador: Eduardo José Marandola Junior

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em: 16 / 06 / 2015

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior - Presidente

Prof. Dr. Werther Holzer

Profa. Dra. Lúcia Helena Batista Gratão

Campinas, 16 de Junho de 2015.

Suplentes:

Prof. Dra. Lucí Hidalgo Nunes (Unicamp)

Prof. Dra. Ana Patricia Noguera de Echeverri (UNAL)

AGRADECIMENTOS

Sinto que talvez seria melhor agradecer com um olhar, um abraço, um sorriso, que talvez estes gestos possam dizer mais do que qualquer palavra, mas compreendo o caráter absolutamente necessário de fazer estes agradecimentos e da grande ajuda que me brindam as palavras nisto, embora saiba desde o começo que esta é uma luta muito difícil para mim. As palavras comigo nunca conseguiram desvelar a complexidade e a profundidade do meu me sentir agradecida a vocês.

As razões de estar aqui são muitas, as pessoas para agradecer também. Se minha chegada foi uma decisão tomada por mim ou se foi a decisão que me tomou é algo que nunca saberei dizer, a única certeza que tenho é saber-me muito feliz pelo que tem sucedido e, no final de contas, é isto o que importa.

Mena, a primeira a nomear, minha mãe, mulher de coração de fogo e diamante. Fogo por estar cheio de paixão e chamas, por seguir sempre com essa potente vitalidade. Diamante pela força e dureza que consegue ter para sobreviver e afrontar os momentos difíceis, por sua obstinada persistência para conseguir o que deseja. À Mena pelos sábados em família escutando as letras de nossos músicos latino-americanos, em especial Mercedes Sosa e seu “Unicornio azul” y Silvio Rodriguez com a canção “El elegido”. Ao meu pai Wilson pela leveza e gentileza de espírito, por me ensinar que a vida é viver... nada mais. A Juan, meu irmão e companheiro de vida, pelas lindas memórias de infância e por ser a mais nobre pessoa que jamais conheci. À minha família, em especial

aos mais próximos: Dani, Ledi, Beto, Yola, Alvarito, Jorge Ivan, Ricardo, Adiela, Carolina, Paola, por tudo ou amor, a compreensão e a confiança dada.

No meu pouco tempo de passagem neste planeta, minha vida tem mudado muito e nesses caminhos são muitos os mestres que a vida me tem presenteado, chegando eles no momento certo para me ensinar o que meu coração precisava. Todos estes mestres são grandes pessoas e não me refiro só ao âmbito acadêmico, e é justo por isso que os considero mestres. Eles são grandes no que concerne ao viver, tendo todos corações gigantes. Dona Cecilia foi a primeira deles, uma doce e terna professora e diretora de escola, que através de jogos me ensinou o lindo que era aprender, seu amor pelos números me tocou tão profundamente que minha paixão por eles sempre estará ligada a sua imagem. Seguindo pela mesma vertente dos números apareceu na minha adolescência a professora Maria Islandia, mulher dedicada e corajosa que me ensinava as equações diferenciais com a maior simplicidade e facilidade do mundo, quase como resolvendo os quebra cabeças do jornal.

Meu caminho guiado por estas mestras, meu amor pelos números e pela natureza foi o que me levou até uma graduação em engenharia ambiental, mas aos poucos percebi que os caminhos são vastos e truculentos e lamentavelmente a palavra engenharia pesava mais que a ambiental. O programa feito pela universidade apresentava uma séria carência na parte social, política, humanista, pelo qual os problemas eram vistos já nas suas consequências sem ver realmente as raízes dele, ou seja, sem pensar o que merecia ser pensado.

Me senti fortemente frustrada e quase deixei a graduação para fazer filosofia, e talvez tivesse feito se não fosse por minha amiga Liliana León Cifuentes, que me abriu a mente a um novo mundo quando me recomendou ler o “Retorno de Icaro” de

Augusto Ángel Maya. Com este grande pensador voltei a acreditar que era possível fazer algo por esta nossa Terra. Seguindo pistas de Ángel Maya cheguei até sua discípula amada e minha mestra, Ana Patricia Noguera de Echeverri, mulher, mãe, amiga da qual tenho a satisfação de dizer que sou amiga. Ela me mostrou uma nova maneira de pensar o ambiental, pensamento que até esse momento nem em minhas mais loucas ideias poderia ter concebido. Mas o que mais lhe posso agradecer é por me ensinar que este mundo precisa ser encantado para ser habitado.

Continuando com a tarefa de um pensar sentido e na pergunta mais essencial e necessária que até agora encontrei; a pergunta pela relação homem-terra, e graças às Geopoéticas Pardianas me enamorei da geografia. Foi nesta procura na geografia e no acaso que me encontrei com Eduardo Marandola Junior. Ele chegou como tem chegado as grandes coisas a minha vida, de uma maneira casual quase escrita pelos deuses. Heidegger e a fenomenologia nos juntou em um caminho de nos perguntar pela água, pergunta que eu havia começado no grupo de Pensamento Ambiental dirigido por Ana Patricia e que agora continuava com o Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, dirigido por Eduardo.

Tanto Patricia como Edu têm marcado esta outra etapa da minha vida, na qual surge uma crescente inquietação pelo pensar, o filosofar, o questionar-me mais criticamente sobre as coisas. Eles me ajudaram e me seguem ajudando a quebrar com uma Diana que ainda segue sendo muito racional, uma Diana que muitas vezes procura certezas e seguranças. Eles com suas respostas de amigos e orientadores me ensinavam, ou melhor, me lembravam como só se tem a certeza da vida, da morte, do habitar e do sentir. Sua humildade como orientadores me enterneceu até um ponto indescritível. Sua resposta franca e sincera: não sei, sempre me deixou um pouco intranquila, mas no final me levou a confiar mais neles, pois me mostravam seu lado humano e honesto. A verdade, embora,

eles me tenham dado grandes respostas ou indícios para resolver muitas das minhas dúvidas, foram mais seus silêncios e dúvidas sinceras as que me fizeram acreditar e confiar em que estávamos juntos no caminho do pensar.

Ainda lembro a primeira vez que conheci a Edu, em uma entrevista pelo Skype, hoje com muito orgulho posso dizer que ele chegou ao meu coração e ganhou pra mim o nome de mestre. Edu fez uma coisa que todo grande mestre deve fazer para poder chamar-se assim, ele me deixou em uma medrosa e temerária liberdade que me permitiu ser mais eu e que me ajudou a ganhar uma confiança que até agora não havia desenvolvido ou que não havia aprofundado desta maneira.

Quero agradecer ao Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia que conseguiu com sua intimidade fazer que eu me sentisse em casa. Em especial quero dizer graças: à minha companheira de mestrado Priscila Marchiori por suas instigantes dúvidas, à Fer por seu sorriso e seu “é justo”, ao Hugo pelas divertidas conversas, à Lê pelo grande esforço e amabilidade, à Lúcia Helena pelo encanto pela vida que emana de todo seu ser.

Minha estadia aqui é uma coisa que não posso deixar de lado, por isso, também quero lembrar dessa minha outra família, essa que em falas, conversas, festas, sorrisos e danças, tem conseguido fazer que eu tenha um lugar nestas terras brasileiras. Muito obrigada minhas irmãs e irmãos de caminhar: Malu, Ori, Periquito, Fer, Natalia, Vini, Matheus, Pedro e Esdras.

Já no final quero agradecer a Germán pelo impulso, a Inés pelas sagazes críticas, e a Diana por lembrar-me a formosura das palavras na escrita, na leitura, na conversa, mas especialmente por me ensinar a arte de fluir com a vida.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RESUMO

A poética é a essência do habitar, mas não é todo habitar que é poético; as possibilidades de um habitar inautêntico são muitas. No habitar urbano contemporâneo, a crise do habitar é muito profunda; esta crise que se encontra fundada na forte separação do homem com a terra é a grande marca de nossa época e uma das maiores dificuldades e desafios que devemos enfrentar para ter um habitar poético. A falta de pergunta pelo ser tem conduzido a um grande ocultamento dele e uma instauração de sentidos e sentires. A água como fundante deste habitar também tem sido ocultada até o ponto de se encontrar em crise. O habitar inautêntico, junto com a perda de sentires e sentidos da água, nos tem mostrado a grande necessidade de repensar sua essência. A partir disto, neste trabalho renomeamos como hidropoéticas as maneiras de ser da água. Com esta evocação esperamos oferecer as possibilidades para um habitar poético. As hidropoéticas bebem do pensamento heideggeriano, da Geografia Humanista e o Pensamento Ambiental e utilizam como base dois conceitos que são muito influenciados pelo pensamento de Heidegger: a geograficidade do francês Eric Dardel e as geopoéticas do espanhol José Luis Pardo. As hidropoéticas, pensadas fenomenologicamente, revelam nas experiências do lugar relações da água nas quais existe uma maior proximidade do homem com a terra. Desta maneira, exploramos, a partir de uma arqueologia fenomenológica, as experiências num lugar localizado no centro sul de Campinas, em bairros próximos ao ribeirão Piçarrão: Vila São Bento, Jardim Miranda, Vila Manoel Ferreira, Jardim Santa Vitoria. Permitindo com isto que a própria experiência das pessoas expresse a língua da terra e com ela a água e o homem como água e terra, revelando deste modo como geopoéticas as geograficidades vigentes neste habitar.

Palavras chaves: água, geograficidade, geopoética, vulnerabilidade, fenomenologia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ABSTRACT

Poetry is the essence of dwelling, but not all dwelling is poetic; the possibilities of an inauthentic dwelling are many. In the dwelling urban contemporary, the crisis of dwelling is very deep; crisis that is founded on the strong separation between man and earth is the largest brand of our age and one of the greatest difficulties and challenges we must face if we are to dwell poetically. Lack of questioning about being has led to a big hiding and to the establishment of senses and feelings. Water as a founder of this dwelling has also been hidden to the point of find in crisis. Inauthentic dwelling, along with the loss of feelings and senses of the water, has shown the great need to rethink its essence. From this, in this work we have renamed the ways of being water as hydro-poetics. From this evocation we hope to provide the possibility of a poetic dwelling. Hydro-poetics draws on Heidegger's thought, Humanistic Geography and Environmental Thinking and is used as the basis of two concepts that are heavily influenced by Heidegger: geofacticity from the French Eric Dardel and geopoetics from the Spanish José Luis Pardo. Hydro-poetics, thought through phenomenology, reveal in the experiences of place the relationships of water, where a greater proximity exists between man and earth. This way, we use phenomenological archaeology to explore, experiences in a place located in the center-south of Campinas, in neighborhoods close to the Ribeirão Piçarrão: Vila São Bento, Jardim Miranda, Vila Manoel Ferreira, Jardim Santa Vitoria. In so doing we allow the experience of people to express the language of the land and with it the language of water and of men as water and earth, whit this way geopoetics reveals a set of valid geofacticities in this dwelling.

Key words: water, geofacticity, geopoetic, vulnerability, phenomenology

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NARCISO, MICHELANGELO MERISI DA CARAVAGGIO, 1599	32
<i>FIGURA 2 - O LUGAR</i>	64
FIGURA 3 - SEMEAR	89
FIGURA 4 - O ENCONTRO DOS DOIS RIOS.....	90
FIGURA 5 - NAS PROXIMIDADES O PICO E O LIXO	94
FIGURA 6 - CORTINAS DE BAÑO, OSCAR MUÑOZ, 1985-1989	96

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VII
LISTA DE FIGURAS.....	XV
RUMO AO DESERTO	1
PASSAGEM PELO DESERTO	15
A rosa do deserto.....	16
Deserto	21
Da miragem oásis.....	26
O ser vulnerável	29
Semente	37
Germinação	44
Do redemoinho do pensar e do fazer	48
DUNAS.....	57
Fluir.....	59
Caudal	61
Margens.....	63
Leitos.....	67
As escuras profundidades.....	69
Momentos vulneráveis	72

Tempo de incertezas.....	73
Os sons do silêncio.....	75
CANTO DAS DUNAS	76
Rio invisível	79
O caracol e sua concha.....	80
Das águas	87
Rio sobre o rio.....	90
Chuva	92
Picho e lixo.....	94
O chamado da água.....	95
HABITANDO O DESERTO	100
REFERÊNCIAS	107



RUMO AO DESERTO

*“Uma gota de água poderosa basta para criar
um mundo e dissolver a noite”*

Gaston Bachelard (2013)

Desde um profundo desejo e uma grande necessidade de um habitar poético, vamos rumo ao deserto deste habitar em crise. Nesta crise que surge na separação do homem com a terra, nesta cisão que “há desnaturalizado al hombre y deshumanizado a la naturaleza.” (NOGUERA; PINEDA, 2014, p. 24), que não tem um período específico, pois está presente desde as bases deste pensamento ocidental e que chega até nosso habitar contemporâneo. Esta é uma crise que se expressa como crise ambiental, como crise da civilização, crise da vida e crise do ser, crise como uma perda da terra natal e uma renúncia ao habitar poético.

Rumo ao deserto procuramos nele as hidropoéticas, com uma vontade profunda que a água seja mais ela. Vamos rumo a um deserto nesta crise que surge da

cisão de um homem separado da terra. Procuramos um sentir que cada vez se torna mais urgente: perguntar-se pela água e sua essência, nestes tempos nos quais a falta de um pensamento desde nosso sentir é um fator comum em nosso habitar contemporâneo.

Buscamos a emergência das hidropoéticas em um pensamento heideggeriano. Embora muitas referências a Heidegger sejam utilizadas neste trabalho, são duas as ideias que ganham maior relevância: habitar e poético, ambas referentes a uma mudança no rumo do pensar heideggeriano conhecido como a viravolta (*Kehre*). Nesta viravolta, como aponta Ernildo Stein (2011, p. 84), “se manifesta a necessidade de uma nova relação do homem com o ser”, dando com esta mudança uma maior importância à terra, ao espaço, à linguagem e à obra de arte (SARAMAGO, 2008). Deste modo, nosso caminho metodológico é guiado pela proposta heideggeriana fenomenológica, sendo esta a que permite a tarefa da ontologia de deixar-se mostrar, de manifestar-se das coisas nelas mesmas.

Das hidropoéticas esperamos evocações da íntima relação homem-água, que não é outra coisa que a ligação básica e essencial homem-terra expressa de outra maneira. A água, que é terra, é também essa *physis* tratada por Tales de Mileto como água (BRUNI, 1994) e sobre a qual Heidegger (1973, p. 63) diz: “la tierra es donde el nacer hace a todo lo naciente volver, como tal, a albergarse. En el nacer es la tierra como lo que alberga”. Esta terra que alberga evoca uma terra que é o ser, e não simplesmente a imagem de um Planeta Terra como uma posição astronômica ou como uma massa (BELO, 2011). Desta maneira, a água é terra por excelência ao trazer a vida que traz o nascimento à terra. Por isso, se falamos de água devemos compreendê-la em sua forte ligação com a terra, devemos pensá-la como água-terra. A terra é onde tudo se funda, se erige e se protege (HEIDEGGER, 1973; BELO 2011);

aquela que para Dardel (2011, p. 2), guiando-se pelo pensamento de Heidegger, “revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino”.

Na íntima relação homem-água emergem as hidropoéticas. O hífen que se encontra entre as palavras homem e água é a união, o entre que expressa o lugar como encontro. Neste entre dá-se a reunião que propicia o que Heidegger (2012c) chama de habitar, o sítio no qual se configuram as experiências do viver. O habitar, segundo Heidegger, é em si um construir; a palavra construir em alemã *bauen*, nomeia um eu sou, tu és (*ich bin, du bist*), ou seja, eu sou na medida que habito. Isto quer dizer que nas formas como estamos no mundo está implicado já a maneira como somos no mundo. Assim, nossa forma de vivenciar as coisas leva aos modos como se manifesta a água, já que esta não é algo alheio e separado de nós.

Este habitar que é construir, diz Heidegger (1995), tem sua essência em um poetizar pensante, o qual, como co-pertencimento mútuo necessário, deixa as coisas serem em sua essência; abertura do ser. Esta possibilidade de co-pertencimento mútuo acontece na proximidade que dá sentido, direciona (SARAMAGO, 2008) na medida em que tanto homem, quanto água vão se criando no ato de doar-se no habitar poético que surge com e no lugar. O lugar das hidropoéticas é, portanto, a dupla marca na qual homem e água podem sentir e ser sentidos, na proximidade do lugar, no sentido em que Relph (2012) afirma haver a confluência da experiência, que surge com o espaço vivido. Nas hidropoéticas, procuramos a compreensão do ser por meio da água, desde as manifestações do ser expressas nas experiências, propiciando o mostrar-se-em-si-mesmo da água no encontro do lugar, na reunião da proximidade.

As hidropoéticas podem ser compreendidas segundo suas raízes etimológicas de duas palavras gregas: *hidro* (*ὕδρω*) que quer dizer água e *poiesis* (*ποίησις*), que significa criação, isto é, maneiras de criar-se e se manifestar da água, os modos de ser da água. Tal como é dito na palavra hidropoéticas, em seu significado

mais literal, nossa principal preocupação é a relação homem-água, dando mais força à água por ser a que comumente é esquecida e ocultada desta relação. Deste modo neste trabalho se muda a posição utilizada por muitas das pesquisas que estudam a água, já que não se baseia em discursos que tem criado uma ocultação da água ao concebê-la como simples objeto. Entre estes discursos, há pelo menos quatro naturezas:

- discursos técnicos: a água e seu tratamento, a água e a necessidade de uma gestão (ONU, 2014);
- discursos sociais e políticos: em relação à pobreza e à escassez (PORTO, 2006; ONU, 2014), a água como direito e seguridade, e os conflitos relacionados à água (TURTON, 2002);
- discursos econômicos: água e eficiência, água como recurso (ONU, 2014);
- discursos ecológicos: a água nos ecossistemas, a água e as mudanças climáticas, etc. (ONU, 2014).

Buscando outra perspectiva, esta pesquisa se pergunta pela essência da água, enfocando-a nela mesma, ou seja, perguntando pela água e seu ser, não pelo ente. Busca-se compreender as maneiras de se manifestar da água e qual o papel do homem. Desta forma, este perguntar nos leva indiretamente a nos questionar pelo caráter próprio do homem, o qual Heidegger (2012a) afirma ser o de pastor do ser. Isto é, o homem deixa de se considerar o dono do ser ou dos entes (pois o ser não pode ter dono, da mesma maneira que a essência não é uma coisa, nem um objeto) para passar a se pensar como aquele que deixa as coisas serem, desvelando-as.

Não obstante, não estamos retirando o papel do homem desta profunda relação homem-terra. Na realidade, buscamos uma religação frente à cisão criada em nosso habitar contemporâneo, nessa trama entre homem e água, devolvendo-lhe o seu papel. Não se trata, portanto, de localizar o homem como sujeito que está fora ou acima da terra (ÁNGEL, 1996; NOGUERA, 2004); antes, pensar o homem que é terra e água.

Para mostrar esta cisão e permitir a compreensão dos sentidos da água – nessas experiências que estão no campo das vivências – nos voltamos ao lugar e sua circunstancialidade, a qual, como diz Marandola Jr. (2012, p. 230), é uma eventualidade relativa enquanto trata de uma “[...] posição e uma situação que enfatiza o sentido relacional do ser-e-estar-no-mundo, ao mesmo tempo que dá o devido peso à realidade fenomênica do ser-aí e sua espacialidade”. Procuro no lugar, porque considero que é onde é possível compreender as experiências, podendo evidenciar como se tem instituído maneiras para pensar e sentir a água; aprofundando um distanciamento com o ser, arriscando o próprio sentido de nosso habitar.

O lugar que escolhi está no urbano, pois nele se nega o humano (SAINT-EXUPÉRY, 1962), negando o lado sensível do homem e, ao negar isto, nega-se a própria água, impossibilitando um habitar poético. O urbano compreendido como a normalidade da experiência contemporânea, ou como ápice do desenvolvimento, não explicita a crise do habitar. Neste sentido, o habitar urbano se tornou naturalizado, como algo dado e incontornável. No entanto, este processo naturalizou riscos que estão ligados ao próprio modelo de urbanização, além de um afastamento radical, do ponto de vista da experiência, homem-terra. Isso se nota pela água que teve sua essência oculta, pelo qual a água como objeto virou recurso, passando a ser visível, mas não como água; no urbano, a água é algo que está na torneira, não no rio, a chuva

se tornou sinônimo de problemas de trânsito ou de mobilidade, e não mais o regar a terra, o rio faz alusão a contaminação o inundação, etc.

Para compreender as hidropoéticas no urbano, escolhemos um lugar perto de um rio, onde não estão totalmente ocultas as relações dos moradores com a água. Encontrei um ribeirão chamado Piçarrão, que está localizado no leste da cidade de Campinas, em uma região que outrora foi a primeira periferia da cidade (DE PAULA, 2011) e que hoje é um conjunto de bairros antigos e plenamente consolidados do ponto de vista urbanístico.

Para pensar as hidropoéticas, parto de dois pensadores influenciados por Heidegger: o geógrafo francês Éric Dardel e o filósofo espanhol José Luis Pardo. Me apoio no conceito de geograficidade de Dardel (2011) e de geopoética de Pardo (1991) para compreender as maneiras dessa relação homem-água. Entende-se a geograficidade como a relação concreta homem-terra, com um lado mais enigmático, mais oculto: na água que é na Terra dardeliana; lugar, base e meio da realização do homem. A geopoética, por sua vez, é tomada como a língua da Terra e do homem em relação, ou seja, como aquela que possibilita tirar do ocultamento, expressar e dar sentido a essa geograficidade que como água-terra pode-se nos resistir.

Compreendendo a geograficidade e a geopoética, encontro uma Geografia além da formalidade, como geografia vivida, a qual clama pela sensibilidade, pelo humano do homem e o mais potente da Terra, esquecido nessa geografia formal que seguiu o caminho da ciência moderna racional (MARANDOLA JR., 2010). Na geografia vivida está o espaço onde se desenvolve a existência (DARDEL, 2011; HOLZER, 2012), onde o homem é no mundo, sendo isto na proximidade que se dá através dos lugares, no reconhecimento da Terra como algo mais que simples objeto, e de uma Geografia como algo mais que o estudo de posições em um plano cartesiano.

A dificuldade para poder fazer um trabalho fenomenológico nessa procura ontológica é muito grande. A própria Geografia Humanista, que tem buscado construir uma ciência fenomenológica, tem encontrado um grande desafio para chegar às geografiedades (MARANDOLA JR., 2007), já que, por seu próprio caráter, elas podem ser apenas compreendidas, não explicitadas. Como aponta Heidegger (2003a), há um problema de linguagem para expressá-las de uma forma que não reduza ou oculte seu sentido.

Deste modo, a literatura mostrou ter uma força poetizante para expressar a íntima relação entre a geografiedade e a geopoética. A literatura, ao modo heideggeriano (HEIDEGGER, 2003b), é a linguagem como casa do ser, que aproxima o que se evoca, que ao nomear cria mundos – sendo a palavra o que confere ser às coisas – e como geografiedade, é o envolvimento visceral entre homem e terra. A literatura que é poética da terra, ou seja, geopoética como expressão da língua da terra em nós, apresentação – não representação – do habitar, um modo para revelar parte da essência do mundo, produz interpretações que saem e quebram com as estruturas estabelecidas e instauradas por uma linguagem formal e reduzida da ciência moderna, levando para os traços essenciais da geografia e sendo profundamente fenomenológica e ontológica (MARANDOLA JR., 2007,2010).

A escrita literária é utilizada desta maneira como o diálogo geografiedade-geopoética, permitindo como experiência compartilhada compreender outras experiências e outros mundos através de histórias que se voltam para parte de nosso mundo no momento em que as escutamos, ou seja, é o ser-no-mundo que permite que o ser se revele (MARANDOLA JR., 2012; HEIDEGGER, 2012a). Ao entender a literatura enquanto experiência, ela ganha seu verdadeiro papel, isto é, como aquela que cria realidade na medida em que revela o ser. Este ato de revelar o ser é, por sua vez, trazer algo que não havia sido convocado e é nesse convocar que

funda, cria, “[...] concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos mortais” (HEIDEGGER, 2003a, p. 10). Finalmente, ao assumir uma escrita literária enquanto experiência, nos aproximamos daquela proximidade presente no lugar, sendo esta sua potência reveladora do ser. Desta maneira, a literatura como geopoética permite expressar as hidropoéticas do lugar.

Meu caminho pelo deserto em busca das hidropoéticas se tece neste trabalho pelos seguintes momentos: a passagem pelo deserto, as dunas, o canto das dunas e, por fim, habitando o deserto.

A **Passagem pelo deserto** é expressão de um trabalho guiado por uma pesquisa fenomenológica na qual o lugar é o caminho para chegar a esse ser poético da água, no qual, como diz Heidegger (2012a, p. 103), “[...] o ente pode se mostrar, a partir de si mesmo, de diversos modos, cada vez segundo o modo-de-acesso a ele”. Neste primeiro momento do trabalho, crio um conto como imagem geopoética no qual o **deserto** é o habitar urbano contemporâneo e, a partir disto, faço referência à crise do habitar. Com a imagem de deserto, lançamos à luz aquilo que tem sido naturalizado, na falácia dos espaços sem crises, encoberta com os avanços tecnológicos que funcionam como um escudo para não sucumbir ante às exigentes condições e mudanças da natureza. Tanto queremos ocultar a crise, que habilmente a temos disfarçado como algo impossível em nossa maneira de habitar. Neste ocultamento, as grandes metrópoles são tidas como espaços sem crises, incorruptíveis em si e sem traço algum de vulnerabilidade.

No habitar urbano contemporâneo, se cria a ideia de que não existe um deserto (pelo menos isto é o que se acredita) e de maneira paradoxal isto se transforma em um dos maiores desertos de nosso habitar. O deserto brotado da cegueira de nosso habitar, que ao modo da história de Saramago (1996), *Ensaio sobre*

a cegueira, não é uma cegueira escura, mas sim uma cegueira branca, cheia de falsas seguranças.

Com a criação das falsas seguranças, temos um deserto que nos nega algo próprio de nossa existência: a vulnerabilidade. A partir dessa premissa de homens onipotentes, resguardados por nossas técnicas (HEIDEGGER, 2012b; MARANDOLA JR., 2014), negamos conjuntamente existências em contato e desconhecemos tudo aquilo que seja um chamado ao nosso ser vulnerável, ficando ocultado em baixo às silhuetas cinzas e neutras do saber racional.

Neste deserto, enquanto imagem geopoética do urbano, está também a imagem geopoética dos **oásis**, que é constituída pelos sentidos homogeneizadores dados à água no habitar contemporâneo e que, no final, ocultam mais do que desocultam. Na miragem do oásis, brota a imagem de segurança de uma água sempre presente, que nunca irá faltar. Isto ocorre pela ideia de que essa água sempre está aí e só precisamos procurá-la, encontrá-la e manejá-la com nossos desenvolvimentos tecnológicos. Segurança de uma natureza e águas previsíveis (NOGUERA, 2004; NOGUERA; BERNAL, 2013a), que se junta à segurança de um homem que se considera capaz de ordená-la, delimitá-la, analisá-la e dominá-la, que pensa que a natureza fornecerá tudo o que ele necessita. Esse ato pejorativo de ver a água como um ente completamente previsível e mensurável é um dos caminhos do deserto existencial que, por sua vez, cria a imobilidade de nossas mais básicas possibilidades, ao negar a essência da água e a nossa no ato de conviver habitando juntos.

A salvação do deserto aparece na forma de um oásis, lagoa de água doce que parece caída do céu. Mas a salvação nesta crise do habitar não é um oásis, como algo externo a nós, que não demanda nenhuma ação de nossa parte, a não ser servir-se de sua milagrosa água. O oásis, no entanto, é uma miragem, pois nos faz acreditar que o deserto só pode oferecer água se acontecer um milagre: se a chuva cair

do céu ou se encontrarmos uma fonte no deserto. O oásis é algo efêmero, fugaz, que não é suficiente para sustentar a vida no deserto; só serve para quem passa e não para quem habita, ele não envolve um construir, no sentido atribuído por Heidegger (2012c).

Da mesma maneira, tratamos os lugares de nosso habitar urbano contemporâneo como miragens, criando cidades que emanam de uma miragem que nos faz ficar tão cegos que até menosprezamos “[...] o curso diário do sol” (TUAN, 2013a, p. 5), entendendo a cidade como ondas de luzes de um desenvolvimento selvagem que se traveste de oásis.

Mas se não há salvação pelo oásis, não há esperança de vida, de água que brote neste deserto de nosso habitar urbano contemporâneo? Não haveria um habitar autêntico fundado na relação homem-água na experiência urbana? As hidropoéticas não estariam ali silenciadas, impossibilitadas de brotarem, de emergirem neste solo árido?

Um dos equívocos quanto ao deserto é a opinião comum de que não há vida neles. No entanto, mesmo em meio à privação, à falta absoluta de quase tudo, a vida persiste e também brota no deserto. As hidropoéticas podem brotar, portanto, também no habitar urbano contemporâneo em crise, tal como o fez a **rosa do deserto**.

A rosa do deserto emerge como um dos possíveis sentidos dessas hidropoéticas, mostrando como é necessário o co-pertencimento mútuo (SARAMAGO, 2012) no qual homem e água se dão no sentido do doar-se (HEIDEGGER, 2012a). Para este ato de doar-se mútuo, se faz necessário um giro total, um reconhecimento do lugar por ele mesmo e não sua negação. A rosa do deserto revela os sentidos que germinam no lugar, nos levando a senti-los, compreendendo-

os como um lugar para habitar, para fazer morada (HEIDEGGER, 2012c), mesmo em meio ao deserto.

Para que possa germinar a rosa do deserto, o caminho nos exige pensar no andar, compreendendo que cada passagem no deserto é um diálogo cúmplice com ele, que se entrega e resiste a nós; cada passagem é uma carícia que erige no habitar, no qual há o amor de viver juntos. A água que é terra nos ensina e resiste a nós (BELO, 2011; HEIDEGGER, 2012c). Com a imagem geopoética da **rosa do deserto**, como sentido das hidropoéticas, o deserto já não é só um deserto, agora é um amante que se entrega com tudo o que tem; suas ameaças e perigos, seus encantamentos, durezas e levezas. Este deserto já não é só algo inóspito inabitável, agora ele se enche e nos enche com o peso da existência, ele se torna habitar pleno, habitar poético.

Mas germinar a rosa do deserto não é tarefa fácil. A primeira e difícil tarefa é compreender nossa existência e a do deserto, nosso ser vulnerável ante um planeta errante, caótico, ante uma água em movimento e transformação, ante uma terra cerrada, fértil e protegida, ante uma vida que se entrega a nós como um maravilhoso presente, ante uma vida que é luxo, ante uma vida que é resistência em seu existir; pletórica poética do ser.

No segundo momento, as **Dunas**, aparece o campo nas narrativas do lugar no urbano, que como apontam Nomear: Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (Unicamp) (DE PAULA, MARANDOLA JR.; HOGAN, 2011; MARANDOLA JR.; et al, 2012), são fortemente evidenciadas nos bairros, sendo estes os espaços nos quais as pessoas têm experiências mais intensas. Entende-se os bairros não como simplesmente um sítio, mas como constituídos pelas maneiras como habitam os moradores, criando relações que convertem este em um centro de significações. No entanto, não foi possível encontrar nos relatos dos moradores um nome do lugar que

pudesse ser falado nesta pesquisa, embora tivéssemos grandes pontos de encontro nos bairros e no ribeirão Piçarrão.

Esta pesquisa faz parte de uma prática geográfica fenomenológica que, como propôs Holzer (1998), trata de uma ciência das essências; consistindo no manifestar-se das essências na experiência geográfica. Para conseguir este conhecimento, utilizamos uma arqueologia fenomenológica que, segundo Marandola Jr. (2005), permite “escavar” a experiência deixando as coisas serem elas mesmas. Escavamos na busca do conhecimento intuitivo imediato que nos permite revelar o sentido das coisas; visando, assim, um conhecimento que descobre nas experiências as hipóteses e não que simplesmente refuta ou verifica hipóteses já estabelecidas.

O lugar aparece mais imediato nas dunas. A experiência da investigação é aqui a busca pela essência do lugar, guiado pela pergunta fundamental da fenomenologia, o perguntar-se pelo sentido do ser: “Que é isso?” Pergunta preocupada pelo mostrar-se em-si-mesmo, pelo vir-de-encontro, permitindo ao mesmo tempo manter este mostrar-se como possibilidade (HEIDEGGER, 2012a). Esta pergunta como um processo de escavação era um movimento que voltava sobre si, mas que nunca era o mesmo, tendo como direção o próprio perguntar: “Que é isso esse lugar?” Uma ou outra vez se perguntava pelo sentido do ser, do lugar e das hidropoéticas.

Nas dunas, é mais visível o ato do caminhar, do pôr-se a caminho, do caminhante, do fazer caminho; como mostram as primeiras passagens, que são muito difíceis de esquecer por conta do grande esforço que implica caminhar em um terreno novo. As passagens são a primeira abertura (PARDO, 1991). Aqui, encontramos como chegar a este lugar, como ele nos chama e chega a nós, das maneiras como vão se manifestando e mudando, das formas como mudamos juntos, do reconhecimento dele mesmo, de seus limites, de suas características tanto mutáveis, como quietas, das

situações e das circunstâncias, do contexto em que se cria (MARANDOLA JR., 2012b; HOLZER, 2012, 2013; TUAN, 2013b).

O terceiro momento, o **Canto das dunas**, só é possível ouvir se tivermos nossos ouvidos atentos para estas águas, se deixarmos que elas nos habitem criando o habitar e o sentido que tem a capacidade de receber as ondas desta música, desta língua da terra (PARDO, 1991) como água. Essa voz das dunas, esse canto das dunas é a evocação da água amada (GRATÃO, 2007; BACHELARD, 2013), elas não exigem cantar àquilo que lhes faz: a água. Neste canto, a água chega com mais força, é ela a quem as dunas chamam. Agora a proximidade das experiências mais presentes nas dunas se vão sedimentando, ganhando mais forma, visibilizando ainda mais as diferentes manifestações da água e com isto aquelas que ficam desocultadas ou ocultadas.

Nas imagens geopoéticas das dunas e do canto das dunas, nos encontramos em um reconhecimento do lugar desde as experiências hídricas, por isso é possível que surja no deserto um nomear hídrico evocando que somos água. Brota nestas experiências hídricas as águas em diferentes expressões, tais como: caudal, leitões, chuva, rio invisível, etc.

No último momento da caminhada, que é na realidade um recomeço, nomeado como **habitar o deserto**, deixamos as portas abertas para uma pesquisa que, como o pensar, está em constante transformação e criação. Nele, surge o desafio de compreender as hidropoéticas no habitar urbano contemporâneo em crise, em direção a outra maneira de pensar a relação homem-água como homem que é terra para, assim, ter um habitar poético (HEIDEGGER, 2012d). A geografia que se apresenta neste caminho é fundada na geograficidade e é expressa pela geopoética, vividas existencialmente e reveladas pelas experiências de lugar.



PASSAGEM PELO DESERTO

A rosa do deserto

“A terra, assim, é ao mesmo tempo deserta e rica”

Antoine de Saint-Exupéry (1962)

As coisas que germinam sempre são a mistura de muitas outras que, na junção dos momentos, pesos, fluíres, ligações e tensões, ajudaram a fazer com que algo nascesse. As coisas que germinam são coisas que foram trazidas à luz. A rosa do deserto é como uma dessas coisas, pensada como Heidegger (1973) compreende a obra de arte; algo se traz à luz e nos traz com ela, que cria a obra e o artista, junto. Obra entendida como um conjunto de relações que coloca em manifesto o mundo, que faz patente os entes.

Uma rosa no deserto!

Por que, na carência do deserto, gastar a pouca água que se tem com uma flor? Qual a finalidade da flor? Ela garantirá a sobrevivência?

Não será porque o útil na rosa do deserto vai além desse sentido de útil que se entende na modernidade, vai além dos sentidos habituais que temos sobre a água, e é verdadeiramente útil nisso que faz patente os entes pela própria obra? (HEIDEGGER, 1973). Será por isto que o interesse recai na flor? Porque esta rosa, como hidropoéticas, aparece além da imagem já instaurada de uma rosa supérflua, e vai para a essência mesma da água.

Ao enfrentar os habituais sentidos outorgados para a água, a rosa do deserto se apresenta como uma razão a mais para perguntar-me pela água, porque ela é isso que agora mais precisa ser pensado, pois temos nos distanciado tanto dela que precisamos de alguma maneira nos aproximar. A pergunta pela água chega com a rosa do deserto como imagem geopoética, do mesmo modo que vem qualquer pergunta em geral; ou seja, a necessidade de perguntar-se por algo surge porque não o conhecemos ou achamos que tem algo que falta por conhecer, ou porque algo está ausente em sua explicação. Se pergunto pela água é porque nas explicações apresentadas ela não aparece como é, porque ocultam seu ser, isto é, porque não sabemos o que é a coisa mesma chamada água.

No habitar urbano contemporâneo, a água e os seus sentidos têm sido marcados por uma visão que tem estruturado mundos nos quais a essência da água têm sido ocultada, até o ponto de uma perda de seu próprio lugar, de seu próprio caráter, de sua própria natureza. Por isto, será a rosa do deserto a maneira para pensar os sentidos das hidropoéticas, para poder compreender como essas formas da água fogem de um simples, abstrato e cruel raciocínio no qual tudo tem uma racionalização,

no qual tudo vai além do ser, para nos enquadrar no que é objeto de uso. Talvez ao olhar para a rosa temos esquecido que ela não precisa ser mais que rosa.

Ir para a essência mesma da água é a força de nossa rosa do deserto, seu encanto, sua magia. Nossa rosa do deserto não é qualquer flor, ela tem o encanto de ser mais que essas flores que falam do ente e não do ser da água; que são supérfluas. A rosa do deserto é água como terra.

A rosa do deserto manifesta a essência da água sem precisar estar tematizada e seguir uma finalidade, assim é que nos leva a pensar e escutar a voz silenciosa da água, nos desvelando o seu lado mais sincero, o seu lado mais profundo.

A rosa do deserto em sua poética de flor em germinação traz uma política e por isso se configura como uma poético-política. A *poiesis* tem o sentido poético-político como criação e resistência. O ato de criação é poético-político já que permite trazer novos mundos e novas coisas ao mundo deixando serem as coisas, e é resistência ao lutar contra a ocultação do ser.

Heidegger (1973) afirma que a poética é o dizer da desocultação do ser, trazendo coisas ao mundo. Na possibilidade de acontecimentos, provoca uma ruptura no conhecimento, traz aquilo que se faz necessário, que permite o viver, o ser, fazendo com que as coisas apareçam, que apareça o que estava sendo ocultado, o que vai além do que se instaura. Poética é desvelar o que se quer chamar: urgência, insinuação, palpite, fogo latente. Poética como algo que se vai dando e não como algo já dado, ou seja, como esse ser que se vai dando e não que é (HEIDEGGER, 2003a). Na poética está também uma das qualidades mais políticas da vida: a liberdade. Essa liberdade é compreendida no pensamento heideggeriano como a possibilidade de deixar-ser, enfrentando o modo habitual de compreender os entes que são aprisionados na representação (MORUJÃO, 2000). A liberdade, tal qual estabelecida

aqui, já não é uma propriedade do homem e sim algo que emerge com o homem no cuidado. Com traços poéticos, é uma liberdade que descansa na água e instaura as coisas nessa relação na qual o mundo se manifesta graças a essa água, na qual a água é água pelo mundo. Nela a água aparece em uma revelação da língua da água como língua da terra, na qual ela mesma se nomeia, mas que muitas vezes não sabemos como ouvir por ter seus próprios ritmos e tempos (PARDO, 1991).

Na poética da rosa do deserto, o espaço abstrato da água some, da mesma maneira que some o espaço que é idealizado e colocado em caixas para analisá-lo. Com esta poética, a ideia funcional da água como água para a sede, para se banhar, para lavar a louça, etc. desaparece, tal como desaparece a água que só existe enquanto servindo ao homem, indo junto essa ideia limitada de finalidade útil na qual tanto acreditamos sem sequer saber qual é a essência do útil. Na rosa do deserto, mais que pensarmos no sentido moderno, sentimos a água, em um pensar onde ela é por ela mesma, e neste pensar a água é além de nós, humanos, e nossas necessidades, mas isto não quer dizer que deixemos de lado o homem, o que realmente isto quer é saber qual é nosso lugar nesta relação.

Nas hidropoéticas a água é como a rosa do livro de “O pequeno príncipe”, de Saint-Exupéry (2006), que se domestica na criação de vínculos, na qual dois entes precisam um do outro para ser, nos vínculos que são laços nos quais se conhecem as coisas como elas são, pois com eles se têm criado caminhos para que tanto a rosa como o homem possam se olhar, vínculos que fazem as coisas únicas no mundo, que fazem com que exista um ato de apropriação que realmente é uma ocupação na qual as coisas entram em nós e nós entramos nelas. Dá-se uma dupla marca na qual dois entes se pertencem sem deixarem de ser eles mesmos, como em uma sedução conjunta em que dois amantes se entregam e se mantêm na luta, que não é a que conhecemos na qual um ou os dois adversários ficam destruídos, mas é a

íntima pertença mútua dos lutadores, uma luta que faz levantar de cada um a afirmação de sua própria essência, levando um ao outro em um ir além deles mesmos, mas, ao mesmo tempo, na direção do que lhes é mais próprio (HEIDEGGER, 1973).

Na rosa do deserto temos o sentimento, a paixão, o fogo, o encantamento, que nos faz querer conhecer a água, porque as coisas que não se conhecem são aquelas com as quais não se criam laços, são coisas pelas quais não se pode morrer e muito menos viver, pois elas são vazias para nós. Como obra de arte, a flor abre um mundo para existir em um conjunto de relações que o faz circundante; este é nossa existência, nossas relações. Aqui, tanto o artista, como a obra, se constituem um com o outro e um para o outro. No entanto, eles se definem de tal maneira em si, como também em uma relação recíproca.

Nós, como homens, entes que sentem e pensam, podemos criar esses vínculos com a água; mas o fato de que ela seja pensada por nós não quer dizer que ela deva sua essência a nós. Significa um encontro e não algo externo. É alteridade, um contato, reconhecimento do ser na água e não uma água que se pensa só para nós e a partir de nós. A rosa do deserto é uma alteridade radical, aceitando ao outro-outro, não um outro que é a partir de mim, um outro que é por ele mesmo e que é ainda mais comigo, mas que não é necessariamente só comigo ou por mim.

Na imagem geopoética da rosa, a água não é um objeto para um homem sujeito, quebra-se a idealização entre materialismo e subjetivismo para dar passagem ao contato, às relações, aos encontros e desencontros. Cada coisa pode dar e receber, não precisa seguir a falácia da forma unidirecional do conhecer e do sentir, que é tão ensinada por esse raciocínio separador moderno. Nem sequer a dialética muda essa ideia, pois a ideia de diálogo que ela cria segue sendo um diálogo entre desiguais, onde só se escuta a língua do homem. A água nessa dialética segue

aparecendo sem voz, as manifestações de seu ser seguem ocultas pela voz de um homem dominante sobre uma terra dominada.

No deserto, a rosa não é só fecundada pela água, ela também é nutrida pela água que corre pelas veias dos homens. O sangue que brota, “[...] que saltava assim, do ventre da montanha, era a vida, era o próprio sangue dos homens” (SAINT-EXUPÉRY, 1962, p. 62). Este sangue nos dá força para viver e pode dar o cuidado e o amor necessário para a rosa germinar. Essa domesticação da água também permite compreender o fato de que o homem é feito de água e é água. Sendo natureza, não se encontra nem fora, nem adiante, nem sobre ela; são o mesmo no entrelaçado natureza-cultura (ÁNGEL, 2002).

Para compreender melhor essa imagem geopoética da rosa do deserto, vamos refletir essa linguagem hídrica para entender suas geograficidades e poder entender o que esta rosa precisa para florescer. Precisamos, para isto, olhar o deserto, por ser o lugar onde a rosa vai florescer, procurando nele as condições que possibilitam este florescimento.

Deserto

“Não me sabia assim prisioneiro das fontes. Não suspeitava ter uma tão curta autonomia”

Antoine de Saint-Exupéry (1962)

Deserto antes da flor. Uma pergunta é por que, se estamos falando das hidropoéticas, não tratarmos de lugares excedidos pela água, como lagos, rios, mares, oceanos, glaciares ou ainda o oásis no deserto? Qual é a necessidade de falar de um deserto e uma flor ao falar das hidropoéticas?

O deserto deste habitar urbano contemporâneo nos conduz a olhar para essa luta íntima heideggeriana (HEIDEGGER, 1973), para essa tensão. Ele nos leva a perguntar sobre nossa própria condição, sobre o lugar que habitamos e como o habitamos.

Estar no deserto exige olhar para fora, olhar o deserto. Exige calma e reflexão para podermos escutar o que ele nos fala, para compreender e reconhecer os perigos inerentes a ele e assim ver as ameaças que esses perigos significam para nós, ou seja, para saber como lidar, como nos adaptar. Devemos escutar o deserto para saber os frutos que ele dá, os benefícios e as coisas que também pode nos oferecer, pois embora o deserto seja seco e árido, ele é muito mais que um deserto; ele também traz vida para o mundo.

Caminhar no deserto não é só um ato de olhar para fora, já que todo olhar para fora tem, em si, um olhar para dentro. Assim, passar pelo deserto não é só olhar o deserto, é o que ele é, é também olhar para nós e o que nós somos nesse deserto, o reconhecimento e aceitação de nossas próprias debilidades nesse lugar, de nossa condição existencial como homens vulneráveis. Essas são partes das exigências que se estabelecem quando dialogamos com o deserto, como acordos tácitos mínimos. Para caminhar pelo deserto, precisamos ter uma passagem fenomenológica desde um conhecimento que “[...] não se *origina* apenas de nossa atividade racional, mas também de nossa percepção intuitiva” (MARANDOLA JR., 2005, p. 74 – grifos no original), sem nos guiar pelos preconceitos estabelecidos sobre ele, mas nos guiando por nossas próprias experiências.

Passar pelo deserto, a verdadeira passagem que permite morar no deserto, é uma forte e profunda experiência de estar no encontro com o outro, ou seja, é o habitar heideggeriano. Como um estar na Terra, no sentido de arraigo, fazendo morada nesta Terra como um habitar poético, como algo mais que uma residência e um simples produzir. A verdadeira passagem pelo deserto implica que, a um passo de cada vez, se fale de como o homem habita e é, na medida que habita se habita, que constrói e se constrói em um habitar que só é possível no poético, no cuidado que erige, que abriga, que deixa as coisas serem (HEIDEGGER, 1973; 2012a).

São várias as experiências e as sensações para compreender como é a passagem profunda até esse habitar dado pelo deserto. A primeira dessas experiências é perguntar o que é um deserto; reconhecer os sentidos e sentires para deixar que esses contatos nos impregnem em todo nosso corpo como fluído de vida. Devemos pensar o que é um deserto em nosso habitar urbano contemporâneo; quais são as matizes e tonalidades que ele adquire nestes tempos. Indagar sobre o que é esse deserto para nós, o que ele reverbera em nós, o que significa e como ele se transmuta conosco.

O deserto se apresenta para nós como o espaço onde o habitar não é possível, onde as condições são muito extremas, onde vida e espaço não estão aparentemente juntos. Um lugar que espacialmente acharíamos vazio de vida, quase como um espaço que separa o homem da natureza, onde a vida foge em um sopro e as existências não são possíveis. Esta é a falácia que nos vendem, de uma natureza que não nos diz nada, cujos gestos não podemos ler (PARDO, 1991). Podemos compreender o espírito protetor da terra de que fala Heidegger (1973) nesta ideia de deserto: resguardado em si mesmo, resistindo para se proteger do mundo, que tem suas próprias maneiras, *physis* que assusta o viajante, vertigem que se cola pela pele

e ressoa em nossa cabeça como ruído ensurdecedor que transborda nosso coração e explode nossos sentidos frente a algo que nos excede, que é mais do que nós.

Ele parece algo sem sentido ou fora de sentido, algo que não possui nenhuma explicação por si só. Isso que não pode nomear-se, pois sua língua é outra, isso que não podemos compreender, que não podemos apressar, que é maior que nós, essa terra que se protege e com a qual temos que lutar para poder lhe dar um nome, fazer uma morada para o ser, mas também é aí que precisamente se funda o ser. Ele se mostra vazio porque não sabemos ler seus traços, porque não entendemos que seus tempos não são nossos tempos; ele tem ritmos mais lentos e mais longos.

Assim, a primeira dificuldade do deserto é reconhecer uma existência que está oculta, presença que se reserva, mas não como um recusar-se em si, e sim um oferecimento diferente daquele feito em sacrifício. Trata-se de um oferecimento que tem que lutar entre a ocultação e a desocultação do próprio ser, em coisas que não podem se separar, no embate entre terra e mundo a partir do qual acontece a verdade, o alumbramento do ser (HEIDEGGER, 1973).

O deserto pode ser o mais próximo, mas como um lugar de condições tão críticas de sobrevivência, que impõe tanta resistência ao habitar, pode ser o comum, o mais próximo?

As condições de proximidade são as mais difíceis e complexas de compreender, pois estão naturalizadas em nosso habitar urbano contemporâneo, nelas persiste um forte esquecimento do ser (HEIDEGGER, 2012a) e um grande distanciamento do mundo-da-vida (HUSSERL, 2008), sendo o mundo-da-vida aquele que damos por assentado, que se dá na familiaridade da experiência sensível imediata, o que previamente estava estabelecido como horizonte, o mundo concreto, para onde se dirigem todos nossos atos.

O distanciamento do mundo-da-vida é um distanciamento do lugar fundacional que dá a terra, pois esta é onde se dão nossas experiências, nossa existência. Este distanciamento do lugar fundacional da terra enquanto crise do habitar é a perda daquilo que fundamenta toda a existência e isto se expressa em uma desorientação do sentido da vida, da água e das histórias humanas, do mesmo modo que sucede com os viajantes perdidos no deserto.

No deserto, o habitual fundado em uma cisão homem-água tem se naturalizado tanto que temos esquecido que existem outras maneiras de habitar, outras manifestações possíveis do ser. Neste habitar contemporâneo em crise, a imagem geopoética de deserto é o urbano, nele encontramos um lugar que ficou inominado, mas que aparece nas narrativas dos moradores. Nestas narrativas emergem as diversas relações que nos mostram as tensões homem-água, os processos complexos da experiência que trazem consigo uma imensa variedade de modos de ser, de habitar, nos quais as novas liberdades dadas vêm acompanhadas de novas inseguranças e vulnerabilidades (MARANDOLA JR., 2008). O lugar é formado a partir de vários bairros localizados no leste de Campinas; nele as experiências estão intimamente ligadas com o rio, pelo qual vários dos processos de transformações, físicas e sociais se veem influenciadas. Embora o rio não seja nosso principal interesse na relação água-homem, como vamos ver mais adiante, ele tem uma presença que tende a predominar sobre as outras.

Nas narrativas do lugar, revelamos tanto encontros de enraizamento, quanto de desenraizamento dos moradores com o lugar, sentimentos de topofilia (TUAN, 2012) e topofobia, para nos questionar se existem hidropoéticas nele. Aparecem imagens que vão desde a típica do rio na cidade absorvido e escondido pelas ruas, até alguns níveis de apropriação perto do rio. Com o lugar Piçarrão, podemos fugir de respostas abstratas e universalizantes, nas quais a força do

generalizar não deixa as coisas falarem. Assim, com o lugar, perguntamo-nos sobre a concretude da experiência; indagação fenomenológica que permite às coisas mostrarem-se como elas são e não como queremos ou pensamos que são. Com as narrativas, se apresenta a tensão entre o oculto e o que se pode desocultar nos sentidos da água, nelas vemos tanto aqueles sentidos que têm sido instaurados como verdades, quanto aqueles outros sentidos que estão ocultos.

Da miragem oásis

Um caminho sem fim, montes e montes de areia, dias intermináveis debaixo do sol e cada gota de água se perdendo no tempo, nos segundos dilatados que se tragavam da vida. À distância, ondas de calor distorcendo a luz, imagens saindo da terra entre uma realidade móvel; uma miragem distante e inalcançável se esfumando como vapor nas mãos.

Caminhar mais e mais, o desespero batendo no coração, desgarrando-o, cada vez mais próximo do último momento, do instante em que a última partícula de água latente em nosso corpo será arrebatada pelo sol. Perda de toda esperança, perda até da desesperança, palavras agora sem nenhum sentido, nada mais para caminhar. Já quando não havia mais movimento, nenhum querer de nada, nos encontramos novamente com uma realidade salvadora, um oásis que aparece tão real quanto o anterior (uma ilusão) criado pela luz impregnada do sol, mas agora a água está aí. A sede terminou! Nos salvamos! A vida novamente encontrou seu lugar.

Mas esta felicidade é efêmera, este não é mais que um lugar momentâneo. Sua exuberância é pequena frente ao grande deserto, não sendo suficiente para poder habitá-lo. A proximidade do oásis, a facilidade com que ele se apresenta, nos faz acreditar que ele era a maior verdade, a maior realidade no deserto, até mais verdade que o próprio deserto... nos equivocamos; este era só outro tipo de miragem. O pior de todos os desejos, pois na miragem do oásis cria-se uma ideia de um além da terra que no final cega e paralisa. Quando voltamos a ver o caminho, quando o oásis acaba, já não temos mais lugares para onde ir, mas o deserto ainda segue tão eterno e imóvel como sempre, a essência do deserto não era o oásis, sua verdade não se encontra nele. O oásis, ao contrário, era um refresco, uma pausa no caminho, um pequeno descanso, um auxílio do deserto que não soubemos ler e que erradamente exploramos.

O oásis, como imagem geopoética, dá o sentido de água infinita. Para isto, se baseia na técnica moderna e de sua ideia de extrair tudo da natureza mediante seu domínio, considerando-a um meio para um fim e nada mais (HEIDEGGER, 2012b; NOGUERA; BERNAL, 2013a). Assim, a água se apresenta como um objeto que só existe para servir ao homem. Com esta miragem que se cria não só pelas nossas alucinações, mas também por condições materiais, o oásis não reconhece o deserto e seu duplo caráter de ocultação-desocultação, no qual o ocultar-se não é um simples se negar e sim um se oferecer como algo diferente ao que é (HEIDEGGER, 1973). No deserto, a miragem do oásis se dá na falta de reconhecimento do deserto e de suas características, quando não conseguimos olhar que ele é uma pletora de significações e que também se apresenta em nossas vivências disfarçando-se como algo naturalizado. Esta miragem do oásis é o jeito como se oculta o deserto, é o que faz com que o mais próximo se transforme no mais distante.

Qual é este oásis no deserto de que estamos falando agora? Não é o mesmo do duplo sentido ocultação-desocultação, não é este um deserto que está mais perto de nós e de nossa condição, algo que nos rodeia, que faz parte de nossas experiências? Mas como ele se dá?

Este oásis do habitar contemporâneo e seu desconhecimento do deserto, nos diria Heidegger (2012a), surge no momento em que se naturaliza em nós este habitar inautêntico sem perguntarmos por ele, no momento em que o habitar no deserto se torna tão habitual que se torna norma e esquecemos do deserto, aparecendo onticamente próximo, mas ontologicamente distante, em uma confusão na qual tomamos o ente como ser, gerando o esquecimento do ser. Nele, o imediatismo com que assimilamos os significados da água não permite compreendê-la além de seu manifestar-se ôntico, seu aparecer surge como sentido e não com horizonte de sentidos, como ente e não como ser, como objeto e não como vida.

Para poder perguntar pela água como aquilo que aparece mais próximo de nós, habitantes deste mundo contemporâneo, vamos para os sentidos que surgem no ser que está desocultado e que têm se estabelecido como verdade instaurada, contrapondo os outros sentidos que estão ocultos. Nesta proximidade distante, são esquecidas todas as possibilidades; os sentidos da água evocados por Bachelard (2013) como as águas da vida, da morte, da pureza, da fertilidade, da violência. Com a proximidade distante, ocultamos a capacidade da água como essa realidade poética, ou seja, sua capacidade para ser, para ter voz, para ter um corpo, para ter uma alma, para ser mais que uma metáfora, tendo ela também a faculdade de formar imagens que já não representam e sim que cantam a realidade, isto é, que são realidade desde uma continuidade entre a palavra humana e a palavra da água. Nesta realidade poética, a água pode ser vida e potência de vida (BRUNI, 1994; GRATÃO, 2008; BACHELARD, 2013; NOGUERA; BERNAL, 2013b; BERNAL;

MARANDOLA JR., 2014), criando realidade, mundo e homem, sendo nesta realidade poética onde se deixa a água ser.

No oásis do habitar urbano contemporâneo, as representações da água, em sua maioria, têm privado a própria água de seu caráter simbólico, mítico e sagrado, em um processo de desencantamento e dessacralização (PYÑEIRO, 2006) do mundo, configurando uma perda de seu caráter poético, compreendendo esta como uma perda de sua própria capacidade de se manifestar.

A imagem geopoética do deserto é, além de sede que se transforma em doença, uma voz, grito de salvação que nos diz que existe uma crise, que nos diz que nossos maiores perigos são também nossas maiores qualidades. A imagem geopoética do deserto expressa que onde se encontra a ameaça também pode estar a salvação. O deserto com sua língua da terra canta “eu sou um deserto que como a terra revela o destino”.

O ser vulnerável

*“Pero ¿piensas realmente que has llegado a la meta?
¿Quieres encerrarte en el cielo de tu amor y
dejar secarse y enfriarse a tus pies al mundo, que te necesita?
¿Tienes que descender como el rayo de luz, como la lluvia refrescante,
tienes que bajar a la tierra mortal, tienes que iluminar como
Apolo, sacudir y vivificar como Júpiter; si no, no eres digno de tu cielo!”*

Friedrich Hölderlin (2007)

Seguindo o caminho pelo deserto, depois de fazer a pausa necessária no oásis, depois de achar que nossa salvação chegou, esquecemos que ainda estamos debaixo desse sol inclemente e que nosso estar nessa Terra precisa de algo mais que um oásis para recarregar as energias, para nos encher de esperanças e seguir caminhando. Acreditamos que nossa sede já foi superada e que podemos ter um lugar para ser e estar. Mas que vão engano!

As doces, tranquilas, claras e refrescantes águas do oásis nos chamaram como a beleza e a doçura do canto das sereias do mar encantam os marinheiros. No entanto, o oásis tem seu lado escuro, seu próprio veneno. Seu encantamento não é mais que uma armadilha para os viajantes que, enfeitiçados pelos cantos destas fadas da água, são levados até o fundo para depois se afogarem pela brutalidade da água na suas profundezas.

Nos perdemos no oásis, nos distanciamos do deserto e fizemos um muro de areia: olhamos só mundos distantes e esquecemos da terra que pisamos, aquela que nos dá a fundação. Fizemos um muro insuficiente para os ventos e o sol do deserto, nos escondemos na água do oásis sonhando que o imenso mar de areia sumisse por arte de magia, só por nossa vontade. E nossa sede deixou de ser sede para se tornar enfermidade. A banalidade com a qual olhamos o deserto o tornou algo incompreensível para nós, algo que não existe porque não conseguimos olhar para ele, porque nos fechamos em nós, criando um deserto ainda maior e mais perigoso que o deserto do qual queríamos fugir.

Ocultamos e negamos nossa própria vulnerabilidade e com ela o mais sagrado e humano, o mais terreno de nossa própria existência. A crise do habitar não

foi uma coisa externa a nós e sim uma condição tão profunda que se tornou razão e consequência da maneira como somos e estamos neste mundo.

A negação de nossa própria vulnerabilidade e nossa incapacidade para escutar o deserto desembocou na vulnerabilidade desta época, sendo esta a incapacidade de continuar em um habitar poético-político (BERNAL; MARANDOLA JR., 2014), ou seja, como criação, como incapacidade de escutar a terra que conseqüentemente surge como uma incapacidade do homem para expressar sua língua. O não deixar repercutir os ritmos e vozes da terra no homem é não compreender que a terra tem seu próprio sentido, embora este sentido pareça inicialmente sem-sentido e tenha um tempo extralinguístico (PARDO, 1991). Um reducionismo onde só os códigos e as regras estabelecidas pelo homem são aceitas.

Neste reducionismo, o homem só vê o homem, recusando-se a aceitar os outros entes. Até agora, como mostrou Marandola Jr. e Hogan (2006), a vulnerabilidade tem sido mais visível em eventos extremos, naquilo que se manifesta mais bruscamente. Isto tem levado a deixar de lado as outras dimensões da vulnerabilidade, isolando e reduzindo a compreensão do vulnerável a acontecimentos isolados, promovendo, então, uma falta de questionamento daqueles traços vulneráveis próprios da existência, do habitar. Faz-se acreditar na ideia de que nestas dimensões (da existência, do habitar) não existam problemas, mas, se nos deixamos levar pelo caminho do pensar, encontramos como em nosso próprio viver essa vulnerabilidade também se dá.

O Mito do Narciso, apresentado no poema de Ovídio (1998), “Narciso y Eco”, representado na pintura de Caravaggio (1599) “Narciso” (Figura 1) e resgatado no livro de Bachelard (2013), “A água e os sonhos”, expressa com perfeição essa vulnerabilidade própria de um habitar em crise, de uma perda do corpo e uma perda do lugar. Narciso pode ser um dos tantos viajantes que, cansados de andar

no deserto, se perderam na sua própria imagem. Imagem que, para Narciso, se tornou perfeita na miragem do oásis, que cria um homem supremo desde sua suposta capacidade de dominação da terra.

Figura 1 - Narciso, Michelangelo Merisi da Caravaggio, 1599



Fonte: <http://pintura.aut.org/>. Acessado em junho de 2014.

Em sua pintura, Caravaggio apresenta um Narciso prostrado na terra, frente a uma água que se apresenta como nosso oásis no deserto. Este Narciso não sabe que está na terra e muito menos que existe a água. Estas aparecem na pintura quase como inexistentes, a terra e a água são apresentadas com uma leve e tênue linha. Na primeira, embora seja aquilo sobre o que se apoia, Narciso só passa a ser imagem de fundo sem maior relevância, enquanto a água só ganha importância porque reflete

a imagem do próprio Narciso. A imagem principal, a partir de seus dois lados é: Narciso e seu amado reflexo. Só Narciso, não há ninguém nem nada mais: tudo se desvanece e fica fechado por ele, até mesmo Narciso desvanece-se ante seu reflexo e sua posterior morte.

Narciso, da mesma maneira que os caminhantes no deserto, está em busca do ser, mas não sabe como buscar e por isso confunde seu reflexo no oásis com seu próprio ente. Além disso, confunde a perfeição com seu reflexo e ao reduzir os entes a uma ideia de perfeição, também se reduz ele mesmo.

Narciso vai em busca da perfeição e para isto escolhe um lugar onde possa se ver, mas não escolhe qualquer um, ele não vai atrás de um espelho, objeto ausente de vida que nada de perfeição lhe ia dar e que só o ia aprisionar. Ele procura aquilo que já tem em si, sua própria beleza, sua própria vida, por isso procura a água (BACHELARD, 2013). O que é mais belo que isso?

Narciso quer ser a medida de todas as coisas, que elas só possam ser repercussão de sua beleza e sua perfeição, e no caso de algo existir, só poderia existir por um reflexo de sua beleza. Narciso se vê na água e se enamora, é uma sereia encantada por seu próprio canto e pronta para o suicídio. Narciso quer se tocar, mas não consegue, quer se beijar, mas não consegue, e cada vez que toca seu reflexo, muda; quer deixar seu corpo e se fundir em um com seu reflexo. Escuta a ninfa Eco, que em algumas versões desta história também parece ser ele mesmo, como outra parte de Narciso que, a partir de sua parte mais sensível, quer salvá-lo. Sua dualidade aparece e Narciso a nega junto com sua sensibilidade:

Narciso, pierdes tu cuerpo,
arrebatado y confundido por el reflejo milenario de tu desaparición,

tu cuerpo herido de muerte.

...Narciso,
¿comprendes?
La simetría, hipnosis divina de la geometría del
espíritu, colma ya tu cabeza con ese sueño
incurable, vegetal, atávico y lento
que reseca el cerebro
en la sustancia apergaminada
del núcleo de tu cercana metamorfosis.
(DALÍ, 1977, p. 177–178)

Os sentidos afloram, Narciso tem um momento de reflexão e se dá conta de que ama um reflexo sem corpo e sem vida. Mas sua reflexão dura pouco, pois vem de Eco, dualidade efêmera... deixa de escutar, mata sua dualidade. Narciso volta-se para si, se fecha, voltando a cair na ilusão. Grita “Ojalá de mi cuerpo separarme yo pudiese” (OVIDIO, 1998, p. 70). Já não se ama tal como é e sim que é tal como se ama, narcisismo que idealiza sua imagem como centro do mundo (BACHELARD, 2013), o único mundo.

Volta-se a ver na água, a sereia aparece na sua própria imagem. Narciso ama a água, mas a água também não é um fiel reflexo de Narciso, pelo menos não o reflexo que ele deseja. A água tem ondas, ela se move, está viva, excede a Narciso distorcendo sua imagem. Narciso se angustia, seu reflexo se move e a perfeição ainda não chega. Tem que fazer algo! Tem que calar tudo! Tem que fazer que nada se mova, nem ele! Procura calar a própria água, mas não se dá conta que para que a água não se mova ele também não deve se mover. O som de uma quietude impossível como presságio da morte. Narciso jaz esperando uma quietude e uma perfeição que nunca chega, cai e tudo acaba, ele e seu reflexo se desvanecem.

Narciso, pergunta Bachelard (2013, p. 23), “Para quem estás te mirando? Contra quem estas te mirando?”

Mas a verdade é que Narciso já não se vê, ele se viu contra tudo e não com tudo. Quis cortar amarras com a terra, com o sentido e os sentidos, e por isso já não sente, só pensa, mas pensar sem sentir não é pensar. O pobre Narciso jaz sem corpo e com a cabeça vazia, com um coração árido seco pelo deserto interno que cresceu nele, por esse deserto que nenhum oásis poderia salvar. Paradoxo perfeito sobre nosso habitar em crise, a pobre crença de nossa salvação totalmente fundada em uma técnica moderna cindida.

Narciso morre de cansaço e de sede, e como revela Ovídio (1998, p. 68): “y mientras su sed sedar desea, sed otra le creció”. Narciso estava cansado, queria beber água e comer algo, queria seguir com sua vida, mas não consegue distanciar-se de seu reflexo e a promessa de perfeição do oásis, nem a água que está tão próxima conseguiu salvá-lo. Narciso a desprezou, a sede de vida desaparece ante a sede de perfeição, por isso ela desaparece, igual a tudo o que não representa o Narciso reduzido e perfeito.

Narciso queria se encontrar, mas se perdeu em si e assim perdeu a si mesmo e tudo o que o cercava. Buscou onde devia; na água, na fonte de vida, mas buscou de maneira equivocada, pois sua busca conduzia à quietude e à morte da própria água e dele. Esqueceu que ele era na água, no movimento que fazia vida e que dava vida, que lhe permitia dar-se, que ele não era algo já dado e sim algo por se dar e que ao ficar imóvel só estava impedindo a manifestação dela e de seu próprio ente. Esqueceu que este dar-se é um doar-se que é mais que um simples dispensar, que o doar reúne na recepção que oferece e permite a cada um viver de modo diferente, a seu modo. Doar torna possível morar em uma reunião na qual se confia

reciprocamente nos outros, deixando que eles desvelem o que são (HEIDEGGER, 2012e).

A vulnerabilidade de Narciso se manifestou na sua incapacidade de ver para além de si, esquecendo nossa condição de habitar em crise, de nosso nascimento no deserto. Esta vulnerabilidade, em seu sentido ontológico, nos revela a insegurança existencial ligada ao habitar, já que ela, como aponta Marandola Jr. (2008), se encontra no habitar. Narciso esqueceu que o habitar se constitui nas relações com os outros entes, esqueceu que uma coisa jamais se mostra apenas por si, mas se mostra nos outros, nas relações que estabelece segundo o meio em que estão circunscritas (SARAMAGO, 2005). Ele não conseguiu sair de si, esqueceu que seu ser-aí era um estar-em, isto é, ser-no-mundo, pois, quando se abre ao mundo se abre para ele mesmo (HEIDEGGER, 2012a). O pobre Narciso, suicida ignorante, não lembrou que os nascidos em um sol brutal não podem esquecer de sua fragilidade.

O mito do Narciso é uma expressão de nosso habitar urbano contemporâneo e da ansiedade por conhecer sem compreender os outros, em um ato encerrado em si mesmo, que não permite ao outro ser, nem ao outro presente em si mesmo. Em seu conhecer como controle, na perda da corporeidade e de sentir, a vida se perde como representação.

O querer fugir da terra e do corpo, pensado erroneamente como prisão, e o confundir liberdade com a ideia de controle da terra, implica a maior perda da condição do homem, perda da consciência de sua própria vulnerabilidade, de sua própria condição de atado à Terra (ARENDT, 2005). Esta perda se disfarça de controle e domínio sobre a natureza, implicando uma nova vulnerabilidade como perda de seu ser. Esta vulnerabilidade manifestada no distanciamento entre homem e natureza expressa-se no habitar urbano contemporâneo como habitar inautêntico. Neste habitar, o modo de ser se vê afetado pelas grandes forças hegemônicas que

agem sobre ele (MARANDOLA JR., 2014). Neste sentido, o habitar contemporâneo tem nele a imposição da modernidade; mediada pelo processo de industrialização, pela grande fluidez da comunicação e da técnica, fundada nos mitos de desenvolvimento e progresso e revelada nos valores de consumo.

O tempo imposto nele é o tempo comandado pelo mercado (MARANDOLA JR., 2014). O paradigma que impera é o paradigma racional do Ocidente, no qual a objetivação da natureza e a quantificação do mundo procura uma lógica de dominação. No entanto, os modos do habitar urbano contemporâneo não são configurados somente por uma imposição, os modos de ser também se dão em fuga, em diversidade, de modos caóticos, vivos. São modos nos quais o controle espacial e os discursos da restrição se encontram em tensão com os corpos vivos. Como escritura da terra que constitui hábitos e costumes, os corpos se especializam, criando lugares nessa complexa relação do habitar. Desta maneira, na experiência contemporânea, emerge a tensão constante da fuga deste habitar inautêntico em direção a um habitar autêntico, como habitar poético.

Semente

As próximas imagens geopoéticas da semente e da germinação fazem alusão específica a todo ato do nascimento da rosa do deserto, pertencendo-se mutuamente, já que o propósito da semente é germinar e a fundação da germinação é a semente. Na rosa do deserto, esta primeira imagem da semente revela mais sobre

esse ocultamento próprio da terra, na qual ela se salvaguarda (HEIDEGGER, 1973). A semente precisa estar na terra para poder germinar, pois a terra lhe oferece esse solo necessário para sua sustentação e fundação.

Com o deslizar da areia e do tempo os anos se faziam, muitos de nossos viajantes haviam morrido em tão desoladora terra, pois eram muitas as enfermidades e penúrias que haviam enfrentado para se manter em pé. Alguns haviam morrido de sede ou de loucura, de ter que segurar em sua boca e seu corpo a pouca água para que a terra indulgente não lhe levasse, para que o ar não lhes arrebatasse seu último sopro e o sol os enchesse de luz. Outros, cansados de infinitos horizontes de areia, de só ver céus amarelos e azulados, se perdiam na oração por uma mudança de paisagem, uma mudança de cor nessa tela verde e azul que não lhes dava nem uma mísera gota de água, na espera de um brando espumoso de nuvens que nunca chegava, assim como não vinha a chuva em seu auxílio. Outros haviam se perdido no oásis e haviam decidido criar seu lar aí, sem importar-lhes que em dias, meses ou anos lhes fosse arrebatado.

Estes últimos não haviam morrido tão rapidamente como os primeiros, sua pequena bolha feita no oásis lhes havia dado um breve momento de calma, lhes dava um enganoso lugar que os cuidava. Lamentavelmente, à medida que passava o tempo, a pequena bolha se fazia menor, até chegar ao ponto de explodir e deixar à sua própria sorte estes homens que haviam buscado proteção em castelos no ar; pequenas bolas de sabão que iam caindo rapidamente ante a eternidade da terra e a ferocidade do deserto.

Passados vários anos, só ficavam uns poucos viajantes de pé no deserto. Eles, que encontravam-se em um mundo desconhecido, sempre haviam compreendido o deserto como um espaço de trânsito. Havia caminhado muito tempo procurando algo mais, mas não haviam encontrado. Ainda assim, sua esperança não

desvanecia e o vácuo e o silêncio que marcavam sua negação do deserto no início, haviam se transformado em gestos, leves.

Depois de muitos grãos de areia, depois de passar por dezenas de oásis, de subir e descer milhares de dunas e esperar por bondosas nuvens, depois de tanto tempo haviam conhecido o deserto, haviam se dado conta de que o deserto é, como Saint-Exupéry (1962) mostra, não só um deserto. Havia se apaixonado! E seu amor cheio de “prestígio da areia, da noite, o silêncio, esta pátria de vento e de estrelas” (SAINT-EXUPÉRY, 1962, p. 77) ia encantando o deserto, que se entregava como fiel amante só àqueles que realmente o queriam conhecer. O deserto se fazia morada; tomava um lugar nos corações destes homens e com eles nascia um habitar.

Agora havia um lugar no deserto que necessitava que este amor se manifestasse e que assim estes homens pudessem erigir suas casas. Mas como fazê-lo? Não se tratava de só fazer uma construção. Muitas vezes haviam feito isso sem lograr uma morada e laços com esta terra. Mas desta vez haveria de ser diferente, pois o deserto lhes havia falado e eles haviam escutado sua voz silenciosa, era hora de habitar. Mas como?

Em seus amplos debates, seguiam falando sem saber que fazer, entre desespero e angústia armavam suas barracas sem saber como fazer morada nesse lugar que agora amavam. Semear, diz uma criança, mas ninguém lhe quis escutar, fizeram-se de surdos e todos seguiram com seu labor de descarregar os poucos pertences que não lhes haviam sido perdidos. Ninguém dizia nada, o silêncio havia se apoderado do momento, mas a voz da criança retumbava como eco nas cabeças de todos. “Semear, semear, semear!” Essas palavras ressoavam como geograficidade nessa voz telúrica, profunda, enigmática (DARDEL, 2011).

Ninguém dizia nada, era muito louca a ideia de semear no deserto, já haviam tentado muitas vezes e tudo terminava em tentativas falhas que lhes retirava, de pouco em pouco, a fé na vida.

Muitas vezes tentaram dar água às sementes para que germinassem e dessem-lhes frutos, mas a água que possuíam nunca era suficiente para compartilhar com elas, seu outro problema era que antigamente pensavam o deserto como trânsito e não como esse habitar heideggeriano que constrói, por isso, seu tempo nesses espaços não era o necessário para ver nascer e crescer as plantas, eles não se demoravam o suficiente para poder habitar e fundar um lugar (HEIDEGGER, 1973). Não criavam uma proximidade em que se deixa o deserto falar e se tornar parte deles, de seu ser-no-mundo, não se permitiam a permanência necessária para esse ato de abertura do ser no qual se cria sentido e se cria um núcleo permanente de significados (RELPH, 2012).

A voz seguia soando: “semear, semear, semear”. Deviam fazer algo, pois essa voz incômoda não saía de suas mentes e cada vez se fazia mais forte. Com a agitação de instalar as barracas e a voz da criança que ressoava na cabeça de todos, o momento era mais tenso, as pessoas estavam mais angustiadas do que de costume, seus movimentos se voltavam rápidos e bruscos, já vários haviam quebrado algumas talhas de água. Havia um ambiente de desespero no ar, até que como um presságio belamente caótico, um recado da terra, o deserto se pronunciava em um ato que só quem prestasse atenção podia ler.

Um destes homens, o mais desesperado, deixou cair o recipiente que levava mais sementes e em uma tentativa falha em agarrá-lo cortou a mão. O homem, mais desesperado que nunca, percebia sua própria ferida, no entanto, seguia recolhendo como louco as sementes antes que o vento as levasse com ele. A criança que gritou “semear” havia sido castigada e, assim, se encontrava sentada a uns poucos

metros dali, sem poder participar de mais nada, apenas observar. A criança, um pouco triste, observava como todo o mundo enlouquecia nesse ato de não saber o que fazer. Ela também estava um pouco desolada, inclusive havia se esquecido de ter pronunciado a palavra “semear” e estava olhando as estrelas, pensando em coisas que a distraíssem da loucura na terra.

A criança estava perdida no sonho, olhando as estrelas e a lua até que o ruído dos gritos do homem lhe chamou a atenção. A criança que estava de castigo olhava como tudo passava: as ânsias das pessoas, a queda das sementes, o corte na mão, o homem sangrando e recolhendo tudo com movimentos torpes que, devido à sua velocidade e pouco cuidado, deixavam cair mais do que recolhiam. Já cansada de observar o homem, a criança decidiu observar as sementes e voltou a escutar como grito a palavra “semear”, percebeu que algo havia mudado nas sementes. Embora não soubesse bem o que, percebeu que seu aspecto era diferente, mais vivido. Em um instante e de uma forma que ainda não compreendia, as sementes haviam ganhado mais vida, apesar de todo o calor do deserto que haviam lhe deixado como uvas passas. Agora as sementes possuíam um aspecto de pele suave e rejuvenescida.

Mas o que havia mudado? Como podiam se transformar assim do nada? Fechou os olhos por um segundo, procurando compreender a situação para pensar em uma solução, mas nada vinha a sua mente. Enquanto tentava pensar em uma solução sentiu um sopro de vento, um odor esquisito –no deserto os odores aparecem mais fortes ou nossos sentidos ficam mais sensíveis– um odor de algo já conhecido e do qual agora não podia lembrar o nome, um odor de algo que raramente aparecia, algo muito próximo, algo cujo nome se desvanecia no que já é sabido, no que está na ponta da língua sem poder se nomear. O nome do odor não chegava, havia se escapado nessa proximidade distante do tão conhecido, havia se desvanecido com a mudança na direção do vento. Abriu os olhos, triste por não poder nomear este odor,

mas no momento em que abriu os olhos voltou a ver o homem e o pequeno fio de vermelho vivo de sangue caindo de seu braço.

Sangue! Esse era o odor! Isso era a mudança nas sementes. Sangue! Não muito, apenas pequenas gotas. Sangue! Era o sangue do homem que havia dado vida às sementes. Como não vê-lo, como não compreender algo tão à vista? “Sangue” gritou a criança aos demais, que por uns segundos consideraram-na louca.

Uma senhora um pouco mais velha lhe perguntou a que se referia e a criança apontou o sangue e as sementes. Ninguém entendia o que acontecia, olhavam para a criança como se ela estivesse louca, então ela levantou-se e recolheu umas sementes molhadas de sangue, levou-as até onde todos estavam e lhes disse: “olhem a diferença entre as sementes.” As pessoas olharam, vendo inicialmente apenas o sangue, mas depois, mais detidamente, puderam observar que nas sementes que haviam pequenas gotinhas de sangue havia uma textura diferente, apesar de serem todas as mesmas sementes.

Assustaram-se, pois era a primeira vez que viam em suas mãos uma semente tão cheia de vida! Sabiam que algo sagrado havia se passado. Mas era o sangue que havia feito isso? Agora não sabiam o que deviam fazer, pois encontraram a resposta que tanto haviam procurado no deserto: descobriram como devolver a vida a essas sementes e fazer uma morada, mas o preço a pagar parecia muito, muito alto. De que servia fazer uma morada se não houvesse pessoas para habitá-la. Não podiam sacrificar-se, dar seu sangue e morrer pelas sementes. A ideia não era a morte pela morte, mas a morte pela vida. Como poderiam chegar a um pacto no qual dariam algo seu, algo que não sacrificasse sua vida neste mundo? Não, não podia ser assim, o deserto não podia ser tão cruel!

Alguns mártires se ofereceram para se sacrificar e ficar na história, mas não, depois de tanto caminhar para aprender a amar o deserto não podia terminar em uma história de suicídios. O deserto era, para eles, mais que esse deserto inabitável e sádico: era uma pátria de estrelas, dunas e ventos.

Frente à iminência das coisas e ao ver uma situação cujo destino era irremediável, todos começaram a chorar, pois teriam que sacrificar alguém para dar vida às sementes e assim poder criar morada. A criança estava sentada em um canto dizendo, “Não pode existir tanta maldade no deserto”, segurando fortemente a pequena semente pintada com um ponto de sangue, como se ela fosse lhe mostrar novamente o caminho. Observou-a um bom tempo, sem saber porque, fixando seus olhos no ponto de sangue que pintava a semente. Os outros faziam os preparativos para o sacrifício, enquanto a criança seguia olhando o ponto de sangue: era tão pequeno, ele podia passar despercebido para um olho de olhar ligeiro. Realmente o homem não havia sangrado muito, só o necessário para chamar a atenção, e como o sangue teve resultado tão impressionante não necessitou de muito. Era só um ponto. Isso é, não havia necessidade de acabar com a vida desse mártir. Não, a criança percebeu que o sacrifício era desnecessário e que só necessitavam de pequenas gotas de sangue entregue por todos os que estavam lá, isso era suficiente para dar vida às sementes. Contou para todos seu descobrimento e eles receberam a notícia com muita felicidade, agora ninguém ia ter que morrer, só precisavam que todos doassem um pouco de seu sangue.

Reuniram-se em um ato solene no qual cada um dos viajantes presenteava às sementes umas gotas de seu sangue para ajudar a emergir a vida que, com elas, levavam. O deserto pedia-lhes algo em troca, mas não eram suas vidas, era algo de seu ser, do mais santo de sua vida, umas pequenas gotas dessa água que habitava em seu corpo e que dava-lhes vida. O deserto pedia-lhes um encontro.

Semearam as sementes, colocaram as casas e esperaram com calma que as plantas germinassem.

Nem todas as sementes germinaram, elas só eram possibilidades e não certezas de vida, eram maneiras de se manifestar que, segundo os modos de habitar desses homens, nesta Terra e como terra, poderiam chegar a dar o nascimento às plantas. Muito mais difícil seria o florescimento, muitas delas não chegariam a vislumbrar o futuro distante do florescer no deserto, mas para estes homens, a possibilidade de vida já era suficientemente válida para dar parte de seu sangue, doação para a terra, para que ela, por sua vez, doasse-lhes seus frutos.

Germinação

*“A verdade não é o que se demonstra. Se em esta terra e não em outra,
as laranjeiras lançam raízes e se carregam de frutos,
esta terra é a verdade das laranjeiras”*

Antoine de Saint-Exupéry (1962)

A imagem geopoética da germinação se constitui como outra parte desse nascimento da rosa do deserto, fundada na semente que está na terra. Mas esta imagem orienta-se para o mundo que se sustenta na terra: ao fazer surgir a terra por meio do mundo (graças ao sangue na semente que também é água, terra e homem) coloca-se em liberdade o ser. Com a germinação, a semente assume uma certa

vulnerabilidade, já que agora sua existência não está só na terra que protege e salvaguarda e sim nessa relação terra-mundo heideggeriana (HEIDEGGER, 1973) como elementos antagônicos; enquanto o mundo tende se fazer patente, como um alumbramento a terra ao contrário tende a retrair-se dentro dela mesma como o auto-ocultante.

Foram muitas as sementes que aqui germinaram, mas agora interessamo-nos por uma em específico. Entre todas as sementes nasceu uma rosa, flor feita do sangue dos homens, de suaves pétalas, com uma cor vermelha que iluminava toda a paisagem e enchia de perfume o lugar.

O deserto estava maravilhado, eclipsado por uma loucura de amor, um profundo amor à primeira vista ao ver a formosura das plantas que haviam nascido graças ao sangue dos homens. O deserto estava surpreendido pela magnificência das cores apresentadas pela rosa e que faziam esse amarelo do sol mais suave, que dos odores davam mais emoção ao vento, os matizes que pintavam novas paisagens, novas texturas, toda essa exuberância de vida era desconcertante e o deserto amava isso.

O deserto extasiado ao mirar o belo cor-de-rosa e sentir toda a beleza da vida nela, quis fazer parte desse encontro, quis se entregar e doar-se da mesma maneira que o haviam feito os homens; deu gotas de seu próprio sangue para que se desse o encontro mais íntimo entre terra e homem. A rosa, com a nova doação, havia-se transformado, sua beleza era outra, não tão comum nem tão visível como era quando só tinha o sangue dos homens, esta era mais selvagem, de uma beleza incomum.

Esta rosa ao transformar-se ganhou um nome diferente da rosa, agora ela tinha um nome que falava do lugar: a rosa do deserto. Nasce a rosa do deserto das próprias vísceras da terra, potência telúrica dessa geograficidade que se abre a uma

nova clareira para poder ser. Este acontecimento que traz consigo um novo lugar doado pela terra e outorgado como mundo, uma nova possibilidade para ser, expressão dessa potência que sempre esteve latente. Nesta rosa do deserto emergem as hidropoéticas na água doada pelo sangue da terra e do homem.

A rosa do deserto é mais mineral, cheia de dobras que vão em todas as direções, com fina areia castanha e dourada, com contorções que levam junto a ferocidade da terra firme que se salvaguarda e protege. Esta rosa do deserto tem a afetuosidade e a paixão do vermelho do sangue doado pelos homens, o movimento da água do encontro e o amor pela flor do deserto. Com tudo isso se impregnava esta nova rosa, que se manifestava como geograficidade, com um amor telúrico. Esta era a rosa que pertencia a este lugar, união terra-homem. Nela se apresentavam dois tempos em diálogo, duas línguas, dois sangues de vida oferecidos para a rosa do deserto. Esta é a rosa que agora habitava o deserto na união litúrgica do habitar, esta era nossa hidropoética, a morada neste deserto que é terra, na qual os novos laços fazem com que a vida brote nos lugares mais inesperados.

Com esta nova rosa e seu novo nome se erigiu um novo momento que, como traz a consciência do homem e do mundo, se produz uma movimentação na história, um recomeçar que se instaura no momento que se nomeia. Fazendo-se latente, a água pode fundar uma morada como um lugar para ser, no qual reside aquilo de mais telúrico trazido pela rosa. Assim se mantém a abertura do mundo, convertendo-se no mais libertário que lhe pode ocorrer: a água e a suas maneiras de ser.

Mas os homens atemorizados pela mudança repentina da rosa não compreenderam o gesto de amor do deserto ao doar seu próprio sangue à rosa. Para eles, o deserto os havia traído, havia sido novamente cruel ao transformar sua bela e

frágil rosa vermelha nesta rosa cor areia que, para eles, não era mais que uma rosa petrificada, morta.

Frente à nova desilusão, os homens decidiram ir do lugar que haviam chamada de casa, pois não podiam acreditar que o deserto voltara a ter tanta crueldade e que havia secado sua flor, levando com ela o mais belo que haviam podido criar ali. Por que o deserto queria fazer isso? Não eram agora amantes? Não estavam unidos entre eles? Ao destruir a rosa, os homens sentiram que o deserto destruiu a possibilidade do que haviam construído, destruiu o mais lindo nascimento que haviam tido; a constituição de uma morada. Era, portanto, momento de ir embora. Marcharam no dia seguinte.

Lamentavelmente, ao ir embora os homens não viram que aquela rosa vermelha pela qual choravam era um habitar inautêntico no deserto, pois ela não fazia parte desse lugar, era só um começo, um primeiro momento que, na doação do sangue dos homens, iniciava um diálogo do homem com a terra. Como diálogo, este não podia ser só do homem, que precisava da língua da terra como deserto para ser realmente a sutura homem-terra. Assim, quando o deserto doava seu sangue, o diálogo se dava e com ele se lançavam as bases de um habitar autêntico no qual tanto o homem, como a terra se pertenciam.

No deserto ficaram as rosas de areia, sozinhas, tristemente sozinhas. O deserto amava suas rosas, elas eram um presente aos homens, um presente para lhes agradecer por fazer um habitar. Não sabemos se os homens escutaram o chamado do deserto e aceitaram a rosa do deserto, não temos como saber em que momento será possível este habitar autêntico.

Nossas hidropoéticas no sentido da rosa do deserto são, portanto, um chamado da terra (da flor, do sangue) para que o homem possa habitar neste deserto.

Entende-se as hidropoéticas como aquilo que nos sustenta no deserto do habitar urbano contemporâneo, semeando rosas de areia na terra, nessas dunas que cantam em uma união que permite o reencontro da terra com o homem, como algo que vai além do útil, pois nem o deserto, nem o homem precisam da rosa do deserto, mas é a rosa quem dá a beleza da vida, essa razão que é, na verdade, paixão para viver, e que está além de toda lógica de utilidade possível. Esta beleza própria das hidropoéticas traz consigo um modo de deixar as coisas serem.

Do redemoinho do pensar e do fazer

Rosa do deserto, hidropoéticas... maneiras de ser da água que melhor conseguem evidenciar a profunda crise em nossa maneira de ser e estar com e como água neste habitar urbano contemporâneo. Rosa do deserto camuflada, escondida atrás de um deserto que é tanto do homem, como da natureza.

Um deserto cheio de dificuldades, as quais trazem consigo toda a potência do que é isso que chamamos viver, cuja realidade não é de um jardim de rosas suaves e leves que imaginamos, pois o habitar é mais que simples felicidade: ele está carregado de toda a possibilidade do viver. Esta carrega um peso ao deserto e nos chama para um movimento telúrico e magmático tanto no lado bom, como no lado ruim, tanto na ordem, como no caos que tem a terra. Neste peso do deserto, a vida vai

se dando no doce encontro das circunstâncias que chamamos acidentais, pois vão além de nossas lógicas e teoremas.

O próprio caráter de resguardo da terra é nossa própria negação da qual surge o deserto existencial. Na negação de nossa própria vulnerabilidade negamos nossa própria condição humana, ao não admitir que somos vulneráveis nos fechamos em nós mesmos e eliminamos toda alteridade possível, negamos o resto das existências, negamos a água negando a vida mesma e a nós como vida mesma.

A rosa do deserto camuflada em um oásis se apresenta mais fortemente neste habitar contemporâneo, nas cidades e nos espaços densamente urbanizados, nos quais a água muitas vezes termina escondida pelo cimento e pela velocidade própria do urbano, que desconhece os tempos e a língua da terra. Estes lugares se vestem com um manto de abundância sem fim, de liberdades humanas extremas que passam por cima de todas as outras (e que nem são de todos os humanos). Essas liberdades e abundância são na realidade uma violenta guerra de todos contra todos (SERRES, 1991), até com a natureza... cruel realidade na qual acabamos com tudo aquilo que nega esta liberdade ilusória.

Temos, então, duas rosas nesta história: a primeira rosa, mais idealizada, era realmente uma cisão, na qual ainda ficávamos separados da terra, o que nos levava a um habitar inautêntico; e a rosa do deserto, que realmente surgiu da junção dos homens e o deserto.

Se formos sinceros conosco, a primeira rosa, que não consegue ligar homem e deserto, tem esta divisão entre o pensar e o fazer que é a base mesma da crise do habitar. Essa crise, que foi expressa por Heidegger em vários de seus textos, é mais evidente na separação que nos preocupa neste momento, que é a separação que temos feito entre o habitar e o construir (HEIDEGGER, 2012c), na qual entendemos

que nossos atos encontram-se separados de nossa maneira de habitar a terra, de criar mundo e de fazer morada. O problema é, então, confundir uma rosa com outra, não ver que a verdadeira rosa do deserto é feita de areia. A rosa verdadeira é o encontro, a ligação entre homem e terra, é aquela que tem o sangue tanto do deserto como do homem, é a que não é tão visível nestes nossos tempos, nos quais tanto precisa ser pensada e, ainda mais, sentida.

Mas como fazemos florescer esta rosa do deserto? Como conseguimos fazer com que ela se manifeste, se expresse para nós e conosco?

Seguindo o fluir da escrita, seguindo o fluir que tem nos levado até onde estamos, encontramos-nos na necessidade de manifestar, de chegar outra vez a água a partir de outras de suas manifestações referentes ao lugar Piçarrão. O que não por serem outras manifestações são menos verdadeiras, ao contrário; essas outras manifestações são mais fios nesta trama que estamos tecendo aos poucos: elas nos ajudam a dar mais força a esta tessitura, aumentando a exuberância das maneiras da água, dos sentidos criados dela.

Nos encontramos com o redemoinho do pensar e fazer; utilizar a palavra redemoinho para falar do pensar e fazer nos serve para compreender que estas duas ações se encontram em um movimento da água. O redemoinho geralmente se dá como uma grande quantidade de água, na qual se encontram duas correntes; no encontro das forças dessas duas correntes surge aquilo que gera o redemoinho como um mesmo movimento. O redemoinho é, assim, um ato conjunto no qual a direção do pensar orienta a direção do fazer e vice-versa, pois, segundo Heidegger (2005), não existe um fazer que não tenha com ele um pensar, nem um pensar que não seja uma maneira de fazer. Este redemoinho é do pensar e fazer porque cria seu próprio movimento, sem ter um sentido preestabelecido, a não ser o da força dada por ele mesmo. O redemoinho também tem um caráter de congregação que, como nos diz

Heidegger (2005), é um caráter próprio do pensar, que pode ter em si contradições, mas que não por isso o faz menos válido, ao contrário, com isto ele desvela traços da própria essência do ser.

Neste redemoinho nossa preocupação é: Como conseguimos nomear a coisas nos aproximando a elas sem corromper sua própria essência? Como desocultamos sentidos da água que não tragam consigo mais ocultação do ser? Como desvelamos a ocultação no habitar urbano contemporâneo?

Especialmente guiados pela proposta heideggeriana (HEIDEGGER, 2012a) e pardiana (PARDO, 1991), compreendemos que para deixar as coisas aparecerem, se faz necessário estabelecer um giro linguístico como um giro espacial. Este giro passa de pensar a terra do homem para o homem da terra, falando desta terra natal como o lugar do lugar (NOGUERA; PINEDA, 2014). Este é um caminho que busca recuperar os valores criados na terra pois, assim, sua liberdade como pensamento não rompe com a natureza; ao contrário, é a expansão dela como natureza que é o homem (SPINOZA apud NOGUERA, 2004).

Neste pensamento, o filósofo Martin Heidegger (2012a, 2012c) se constitui como horizonte para pensar em um habitar poético que religa a reunião do homem com a terra, exigindo sair de um reducionismo do pensar racional, exigindo deixar as coisas serem elas mesmas, ou seja, que as coisas mesmas manifestem seu ser, deixar ser compreendido ontologicamente significa pôr em liberdade o ente.

Este refletir exige um pensar meditativo, uma mudança de atitude, outra maneira de pensar, de atuar, de habitar, exige um *ethos* ambiental no qual o humano realmente seja esse que se descentra e que já não é o centro de toda a natureza para, então, se entender como natureza; para compreender como as maneiras de habitar se fundam na terra, onde o saber está na natureza e esse habitar é se deixar

habitar pela terra, um habitar onde se habita na medida em que se constrói e se constrói na medida em que se é, habitar que é poético na medida que cuida, abriga e erige a vida (HEIDEGGER, 2012d).

Nos redemoinhos, somos orientados por uma arqueologia fenomenológica escavando nas experiências do lugar as hidropoéticas. Na arqueologia fenomenológica consideramos tanto a razão, quanto a intuição, tanto o conhecimento fenomenal, quanto o volitivo (MARANDOLA JR., 2005). Nesta arqueologia, procuramos sair das concepções estabelecidas, em um guiar-se intuitivo com uma atitude reflexiva, para chegar aos fenômenos além de seu aparecer imediato, em uma escavação que nos permite um repensar, utilizando a experiência como modo para compreender as hidropoéticas.

Seguindo o caminho traçado no processo de escavação das experiências do lugar, nos encontramos com uma água que nos levou a uma suposta normalidade, a representações nas quais a crise se disfarça de segurança, quietude na qual nada aparece superficialmente, na qual se só colocamos os pés, não dá para sentir as turbulências profundas que acontecem na sua essência, no que é mais dela. Esta água nos levou à cidade, ao urbano! Onde mais se desumaniza o homem, nessa insegurança existencial que está se apoderando dele, que é em si uma insegurança ontológica, nas cidades que se transformam constantemente em velocidades impressionantes, com um dinamismo que dificulta a possibilidade de criar essas geografias de um habitar enraizado (MARANDOLA JR., 2007, 2014). Essas cidades, esse habitar contemporâneo em crise, se expressa no deserto, que nos leva a nossos maiores limites, a nossas maiores exigências para poder voltar ao encontro com a água-terra, em um habitar poético para superar esta crise, pelo menos uma possibilidade, isto é, hidropoéticas.

A cidade que se apresenta foi a “Princesa do Oeste” ou, como é mais conhecida, Campinas. Como haviam mostrado Carmo e Hogan (2006) e como estamos vivenciando, essa cidade apresenta uma evidente problemática na questão da água. As maneiras para compreender Campinas e suas hidropoéticas foram constantes preocupações, que traziam através do lugar a relação ontológica do homem com o mundo. Deste modo, e tal e como aponta Heidegger (2012a): o lugar é onde mora o ser, isto é, a maneira na qual os entes encontram seu “onde”. O lugar reúne, desenvolve e preserva o que envolve para entrega-lo à sua essência (SARAMAGO, 2005).

O lugar no manifestar das hidropoéticas é onde o habitar se expressa, campo onde criamos nossas vivências, base e suporte, ou seja, onde criamos nossa morada. O lugar leva para o espaço vivido, resistindo ao espaço abstrato e desumanizador, nos chama para onde as coisas podem ir, vir e dar-se no encontro (HEIDEGGER, 2012 apud SARAMAGO, 2008), onde os fenômenos vividos acontecem, onde compreendemos nosso habitar

Nesta pesquisa, o trabalho de campo experiencial e as conversas biográficas permitem uma descrição fenomenológica. Esta descrição, tal como aponta Marandola Jr., só se alcança sentido quando se refere ao ser, procurando a essência das coisas descritas nas experiências específicas, assumindo, desta maneira, as complexidades do experienciar. Em vista disso, a descrição fenomenológica não se enfoca na enumeração de elementos ou características e sim na revelação dos sentido dos objetos. Nesse sentido, olhamos para a água sem procurar compreendê-la a partir de antigas pesquisas desenvolvidas para, assim, não criar juízos ou imagens já estabelecidas do lugar, deixando-o aparecer por si mesmo, sem a interferência dos discursos e das metodologias já criadas sobre ele. Foram vários os meses e as visitas ao lugar, mudando os dias e as horas de ida para conseguir olhar como era em

diferentes momentos e áreas. A experiência do lugar apresentou-se de infinitas maneiras, como imagem, sons, cheiros, emoções, sentimentos, encontros e desencontros.

As maneiras de aproximação ao lugar foram se dando numa fenomenologia geográfica que Marandola Jr. (2014) chama de andante-conversante. No andante-conversante nos guiamos pela pergunta “Que é isso este lugar?” buscando compreender as relações, o contexto no qual se desenvolvem as experiências para, desta maneira, compreender as experiências nelas mesmas, sendo a própria narrativa quem releva aquilo que precisa ser revelado.

No andante, realizaram-se visitas tanto individuais, quanto grupais; nas visitas grupais, contei com o apoio do NOMEAR: Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia¹ e do LAGERR². No andante, como já mostrou Marandola Jr. (2014), a atitude fenomenológica foi um se deixar levar, um perder-se sem pensar em chegar a algum lado, só no ato de andar.

No conversante, a experiência compartilhada com os moradores do lugar foi maior, neste momento a atitude é mais de ouvinte, daquele que se interessa por tudo, numa conversa livre que não guia o diálogo, deixando fluir a experiência; deixando as coisas aparecerem. Neste exercício do conversar, as experiências aparecem em toda sua complexidade; elas podem aparecer intercaladas, misturadas,

¹NOMEAR: Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, Faculdade de Ciências Aplicadas/Universidade Estadual de Campinas, Limeira. <https://fenomenologiaegeografia.wordpress.com/>.

²Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência, Faculdade de Ciências Aplicadas/Universidade Estadual de Campinas, Limeira. <http://www.fca.unicamp.br/lagerr/>.

sem estar racionalmente organizadas, só com a ordem estabelecida no mesmo experimentar.

Em nosso caso, na imagem geopoética das dunas e do canto das dunas, aparece o campo. Nas dunas e no canto das dunas o lugar é visível a partir da experiência do andante-conversante que, embebida na riqueza das geograficidades, é onde aparecem as hidropoéticas. As hidropoéticas deste lugar se apoiam nas geopoéticas que surgem com ajuda dos artistas. Cabe ressaltar que isto não quer dizer que o fenômeno não deu as compreensões necessárias e por isso tivemos que recorrer aos artistas. Pelo contrário, a busca pelos artistas é porque eles estão no mesmo movimento da fenomenologia, que procura através da experiência deixar as coisas serem. Assim, os artistas nos brindam um reforço na difícil tarefa de perguntar pelas essências.

Os artistas são aqueles que conseguem sair do preestabelecido, não apresentando nenhum outro interesse do que mostrar a riqueza própria das coisas, sair da margem do simplesmente visível para ir ao além, àquilo que ainda não foi trazido à luz, mas que eles sabem, do fundo de seus corações, que existe nas profundezas. Eles nos deixam ver um conhecimento além do conhecimento formal, para um conhecimento geográfico vivido, ou seja, outras geograficidades, ampliando nossa experiência do mundo, da água. A arte entendida não como simples expressão do mundo e sim como o mesmo mundo se manifestando, enquanto experiência.

A partir de contos, de histórias e personagens criados aprendemos também sobre a experiência vivida, pois eles não são representação e sim apresentação, constituindo parte deste mundo vivido. Na arte destas escritas literárias se erige um mundo que se faz vigente no mesmo instante que se faz realidade, que se faz no presente. A arte nos permite então procurar os traços essenciais da experiência

criada na relação homem-água, nessa experiência geográfica do mundo, trazendo novos sentidos para nossa existência (MARANDOLA JR., 2006, 2007, 2010).



DUNAS

As dunas são a parte do deserto na qual é mais difícil caminhar, pois os pés se resvalam, afundam, desaparecem pelo vento e perdem-se na terra. Nestas, é fácil perder-se; por isso, para poder traçar um caminho por elas, é preciso algo que nos permita andar – este foi o papel da fenomenologia na experiência urbana. Na imagem geopoética das dunas aparecem um nomear que também é hídrico, pois há experiência hídrica inclusive no deserto, já que a água está presente em todo habitar.

Nas dunas, é onde podemos nos equivocar e ir em uma direção que conduz a um distanciamento ontológico do ser, sendo esta direção como aponta Heidegger (2012a) a ausência de pergunta pelo sentido do ser. Temos que ter o cuidado suficiente para perguntar pelas essências, pelos sentidos e não ficar afundados só em um perguntar pelo ente, por um objeto. Se permitimos que a dificuldade de perguntar pelo ser nos encha de impaciência, acabamos tentando controlar o caminho, buscando respostas rápidas, deixando de lado o conhecimento mais imediato como a intuição (MARANDOLA JR., 2013); que está antes dos pré-juízos e a tematização da

experiência, que ocultam os sentidos das coisas. Ficando, deste modo, em um método previamente delineado, que não permite que o ser se manifeste, um método que não percebe nem compreende o lugar e as experiências que nele se dão, já que se antecipa ao aparecimento do lugar. Desta maneira, temos que ter muito cuidado para fazer um devido caminho fenomenológico heideggeriano, isto é, deixar as coisas falarem, serem por elas mesmas, já que elas têm o-que-se-mostra-em-si-mesmo.

Fluir

Na fluidez da vida, híbrido de sim e de não, do que é e não é, na busca do lugar, são muitos os movimentos possíveis, os trânsitos entre estes movimentos são erradamente pensados, separando teoria e prática; o pensar e o fazer. A maioria dos estudos realizados para conhecer um lugar, e um lugar da água, opta por um lado ou pelo outro, sem uni-los realmente. Desta forma, terminam sendo ou teóricos ou práticos, sem ligar neles o pensar e o fazer em um mesmo movimento. O procedimento mais utilizado, no momento de fazer um estudo sobre um lugar, é pesquisá-lo antes de deixá-lo aparecer, sem deixar que ele chegue a nós. Podemos dizer que este aparecimento do lugar já está de alguma maneira encobrendo a sua manifestação? Tem apresentações que podem ocultar mais sua essência, escondendo outras de suas características. Estas manifestações do lugar da água, a partir de um discurso instaurado, pode se dar por duas razões: traços sempre presentes ou a negação de suas vivências. No segundo caso, as concepções terminam se remetendo a algo que

já foi, focando características próprias, marcando uma direção já fixa em algo que não é fixo, como é a experiência, o lugar e seu acontecer.

Para poder criar uma ruptura como este tipo de pesquisa, fundadas no já instaurado, devemos fluir conjuntamente com as experiências. Assim, nos guiamos pela pergunta: “Que é isso este lugar?” cujo único sentido é procurar a essência das coisas. A partir desta pergunta, se faz uma questão fundamental pelo ser e não pelo ente, sem uma direção prefixada, só o perguntar-se pelo que nos diz o lugar, nessa tarefa de desvelar o ser.

Mas como fazer isto? Com uma pergunta certa que vai atrás de uma resposta? Com uma hipótese que se dirige a um caminho? Ou com um fazer o caminho caminhando?

O ato fenomenológico para ir às coisas não pode ser estabelecido em uma metodologia universalizante, pelo contrário, nos mostra que é no ato de caminhar, de reconhecer a circunstancialidade de cada experiência, que é possível desvelar as coisas. A diferença deste caminhar fenomenológico está no perguntar-se pelo sentido do ser, que não se coloca como uma abstração da razão, na qual a pergunta ficava apenas como um fim a se alcançar. Na questão fenomenológica está presente o ato de caminhar e este ato se desenvolve a partir de três momentos: 1) Que é isso?; 2) Pôr-se a caminho; 3) Estar no caminho.

Que é isso? Como um constante deixar ser, que leva à concretude do ato em um **pôr-se a caminho** que, ao mesmo tempo cria um caminho, pelo qual um pôr-se a caminho era já um **estar no caminho**, sendo estes três momentos não estabelecidos em um processo linear do tempo, onde se dava um antes e o outro depois, mas nesse ato conjunto que faz o caminhar fenomenológico. O que nos move e nos coloca a caminho é uma estratégia metodológica, que envolve buscar a

experiência do fenômeno inquirido, para que naquela circunstancialidade ele possa mostrar-se, nele mesmo.

Mas como é isso? Para não expressar algo já dado e sim deixar as coisas serem em algo que, como aponta Heidegger (2012a), está sendo, precisamos que este questionar tenha um constante interpretar, na busca ontológica do lugar através de seu aparecer. Aqui a fenomenologia deixa as coisas serem elas mesmas, é essa a possibilidade do saber na maneira de escutar a própria vida em que se vive (SEIBT, 2012) sem se mover da vida, procurando o horizonte diverso de sentidos imersos nas experiências, que realmente deveria guiar as pesquisas, com conhecimento que é: racional, intuitivo, fenomenal, volitivo (MARANDOLA JR., 2005).

Caudal

Entre as várias possibilidades, escolhi um lugar onde um rio urbano passasse, com bairros no entorno e com diferentes condições de moradia e usos no espaço público. Após algumas saídas de campo exploratórias, elegi o Piçarrão por apresentar bairros mais consolidados e por brindar a possibilidade de seus moradores terem fortes vínculos com o lugar e o rio, possibilitando a existência de algum sentido de apropriação dos moradores com o lugar, a água e o rio.

Após a eleição do lugar, se deu um primeiro momento em que ele se apresentava como um caudal de um rio vindo com toda sua força nas experiências;

um momento de abertura, proximidade e contato. Nesta abertura, uma intuição; primeira maneira de saber, saber que não se sabe totalmente. Vazio que se preenche, um nada passando se torna algo; passando a existir. Uma intuição e uma intenção, um intento de direção, de primeiro interesse presente, intencionalidade iniciando o mundo. O primeiro contato como uma gama difusa de sensações, emoções, imagens, vertigem e abismo de algo novo, vertigem do mundo acontecendo no embate com a terra. O primeiro interesse: o lugar da água, a primeira chegada ao rio. O primeiro sinal, relações de apropriação visíveis em bancos, plantas do lado do rio e uma associação de moradores. O primeiro interesse, um gosto pelo lugar, sabor na boca de algo gostoso, doce, ideia de que algo pode suceder. Um sentir, essa foi a primeira direção para escolher este lugar da água.

Este lugar ia se manifestando aos poucos entre encontros e desencontros do contato, com diferentes tempos e espaços, ele ia aparecendo em uma sinergia de experiências, em um tempo que muitas vezes se codificava antes do tempo, em algo mais que o vazio. Um outro sentido fora do sentido, compreensível ou apreensível, aparentemente inexistente e indiferente, daí surgiam as uniões das diferentes circunstâncias, que se marcavam pelas ações e decisões tomadas que iam definindo o aparecer.

A experiência do lugar foi se revelando aos poucos, orientando-se, criando limites. As primeiras sensações: imagens, sons, cheiros, ruas, descer do ônibus, chegar até o bairro para chegar, por sua vez, até o ribeirão Piçarrão, ruas vazias e tranquilas. A primeira experiência: não saber o nome de nada, nem onde ficava nada, ou seja, ir fazendo as coisas existirem na experiência do caminhar. Ir caminhando, seguindo o rio, procurando as hidropoéticas, mas sem saber como chegar a elas, sabendo que esse lugar da água não é só o rio, mas também que uma presença da água no rio ajudava a desvelar a força da água nas relações homem-terra. Nos primeiros

momentos, este lugar era mais marcado por lugares anteriores a ele e a experiência ficava mais geral. Os lugares começavam a ganhar profundidade, força e particularidades que já não residiam tanto fora dele, o lugar já não aparecia tanto por antigas experiências como, por exemplo, pensar neste rio tendo como lembrança o rio de meu bairro de infância.

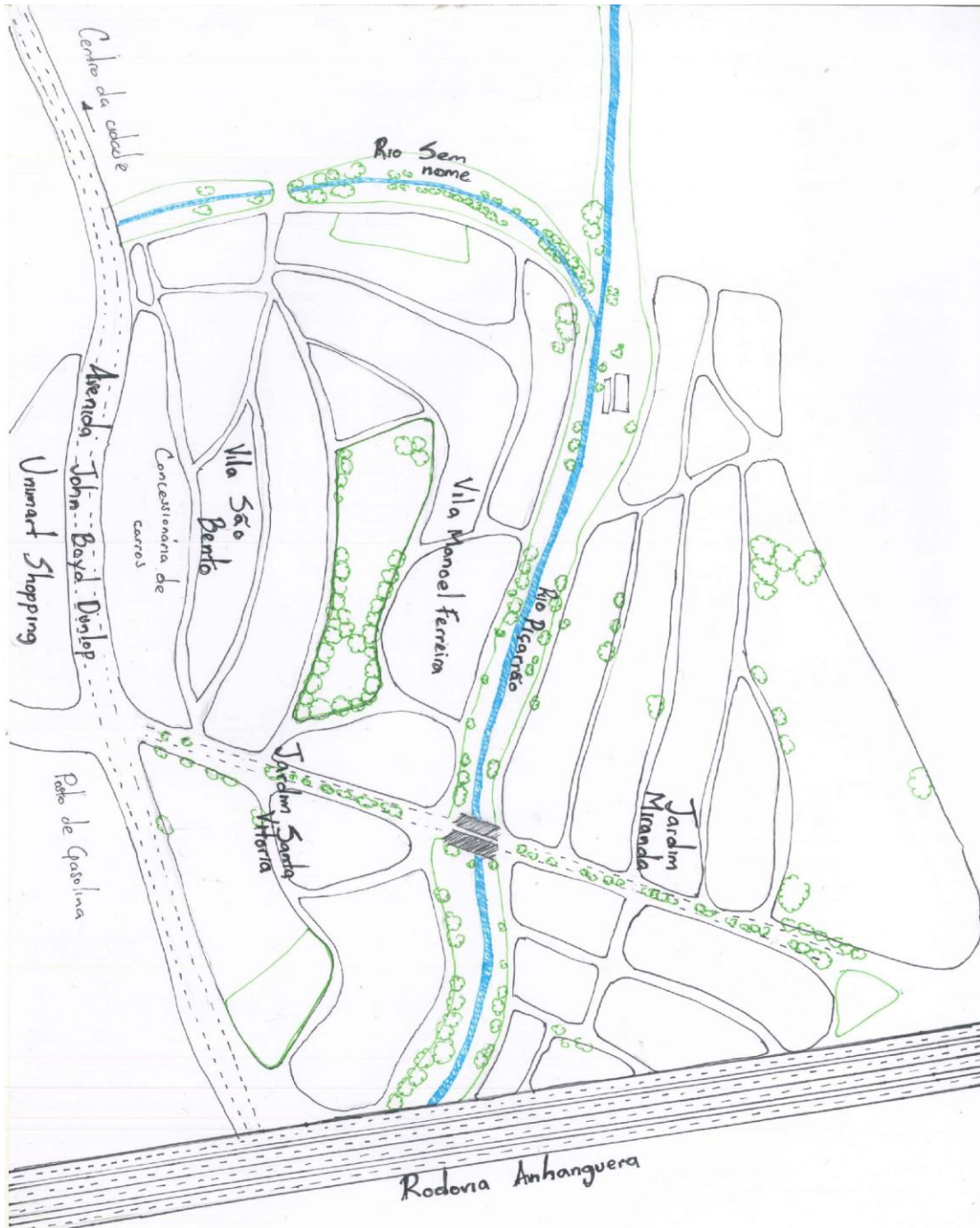
Margens

À medida que as experiências do lugar aumentavam e meus contatos eram mais intensos, ele ia ganhando forma, uns limites como margens.

Um lugar escolhido dentro da cidade, o urbano manifesto, o tempo e os acontecimentos naquilo que se chama de normal, onde aparentemente não existe crise. Pensamos a crise além dos grandes eventos ou circunstâncias, como uma hidroelétrica que constrói uma represa que desloca as pessoas do lugar onde moram, uma inundação que leva as casas de várias famílias e destrói suas colheitas, uma seca que faz escassear a água e dificulta o abastecimento para uso doméstico ou industrial, um rio contaminado com mercúrio por uma mineradora. Só nesses momentos achamos que realmente está acontecendo uma crise, sem pensar seriamente no assunto, como se o verdadeiro problema se desse só no momento em que chega a seu estado mais crítico e não pensando em tudo o que já existia e que levou a esse estado crítico. Não se reflete sobre as verdadeiras raízes das coisas, indo só para as consequências, as quais só tornam visíveis a ponta do *iceberg*.

Figura 2 - O lugar

Fonte: Bernal, Diana, 2014.



Observamos na figura 2, “O lugar”; para poder ir até lá é necessário se distanciar um pouco do centro, quase uns dez minutos de carro, seguindo em direção oeste e chegando à avenida John Boy Dunlop entre carros, motos e bicicletas. Minha chegada ao lugar foi, na maioria das vezes, de ônibus, o que influenciou na maneira como eu compreendia o lugar. A primeira sensação é a de estar se distanciando da intensidade do movimento do centro da cidade. O primeiro que se olha é o centro comercial e ao seu lado dois grandes hipermercados, um varejista e outro atacadista. À frente, uma concessionária de carros e na esquina um posto de gasolina. Rompendo com a direção marcada pela avenida Dunlop, que vai passar por baixo da rodovia Anhanguera, se adentra em um local mais tranquilo.

Para entrar nesse lugar tem que assumir um andar mais tranquilo, diminuir lentamente o caminhar até que os pés compreendam que o terreno que se pisa mudou. O andar não nos detém na entrada, mas uma maior lentidão é o ritmo que está marcando o próprio lugar. À primeira vista, há contornos inexistentes e limites invisíveis. Os pequenos bairros parecem de início pouco distinguíveis entre si, assim como o lugar que não possui contornos explícitos inicialmente.

Os geógrafos pensam com os pés, mas como saber até onde ir? Até onde deviam me levar meus pés? Quais eram os limites deste lugar? Seria até quando me cansasse de caminhar, quando o caminho se tornasse cheio de dificuldades para percorrê-lo? Quando tivesse uma mudança muito grande de um lado ao outro? Como saber qual era o limite que marcaria este lugar? Que coisas devia ter em conta para poder definir estes limites, que dariam forma e identidade ao lugar?

No final da pesquisa foi que percebi mais claramente as margens deste lugar. Foi quando eles finalmente se tornaram mais visíveis, depois de refletir sobre como fui caminhando por ele uma e outra vez, marcando diferentes rotas, até que se criou uma imagem de que lugares eu devia percorrer para compreender este

espaço. As ruas que são um grande rastro dos limites dos bairros se vislumbravam como uma margem para ele, sendo maiores e mais fortes a Avenida John Boyd Dunlop. Havia também vários corredores e a Rodovia Anhanguera com um muro que separava os bairros dela e um forte ruído ocasionado pela velocidade dos carros que por ela passavam.

Outra maneira que empreguei para a compreensão do lugar eram as coisas que iam aparecendo aos poucos:

O lugar

Não é o rio
não é a chuva
não é a torneira
não é a inundação
não é a seca
não é o bairro
não é os bairros
não é a rua
não é a avenida
não é a rodovia
não é as pessoas
não é o espaço físico
não é o simbólico
não é a soma de tudo isto
é mais ...

Que é esse lugar?

Movimento e pausa
mobilidade e quietude
tranquilidade e vertigem
medo e afeto
topofilia e topofobia
exclusão e inclusão
pessoas, carros, animais

praça, ruas, casas, lojas, empresas, rios
terça na tarde, sábado na manhã, quinta na noite
um lugar vazio e preenchido
andado, habitado, desandado
os velhos no bar
as pessoas nas casas fechadas
os meninos na escola
a igreja na esquina
os muros nas casas
os carros na rua
os carros nas casas
as casas que sobem e descem com o relevo
as indústrias que se fecham em si
as avenidas que dão entrada, saída e criam limites
eu caminhando, ele que me caminha
eu e ele como caminho

Assim, ao pensar que é isso este lugar, ao percorrê-lo uma e outra vez, ao nomeá-lo e não nomeá-lo de múltiplas formas e interiorizar suas margens, ele ganhou uma forma e com essa forma pudemos observar os leitos do lugar.

Leitos

No leito é por onde corre a água no rio, aquilo que é constituído pelas margens. Assim, se utiliza a palavra leito, neste caso, para se referir aos movimentos mais íntimos, mais existenciais do lugar, sendo necessário conhecer as margens para compreender o leito e vice-versa.

O lugar está localizado no centro-sul da cidade e por ele passa o ribeirão Piçarrão, que corre em sentido leste-noroeste, sendo um afluente do Capivari. Campinas é atravessada por vários rios, sendo o Capivari aquele onde chega o Piçarrão. Nos situamos no curso da bacia chamado baixo Piçarrão, conhecido por ter enchentes históricas, inclusive vários dos moradores antes de chegar ali já sabiam as condições que estariam enfrentando.

Ao se encontrar nas dunas, o lugar muda sua forma, traz novos grãos, ao mesmo tempo em que leva outros, alterando muitas vezes sua forma, sua densidade, etc. Embora as dunas sejam tão mutáveis, podemos observar nelas marcas de vivências que têm sido muito intensas. Nas conversas com os moradores, encontramos entre as vivências mais intensas (que ainda estão muito presentes em suas memórias), aquelas que se deram lá pelos anos cinquenta, quando se começaram a constituir os bairros. A intensidade das vivências foi em grande medida ocasionada pelas grandes dificuldades que tiveram nesse momento. Outros momentos em que este lugar mudou visivelmente sua forma foi nos anos setenta e oitenta, em uma alteração fortemente ligada com toda uma transformação na urbanização que acontecia em Campinas. A chegada de muitos dos moradores neste lugar se deu na maioria dos casos pelas possibilidades laborais oferecidas neste lugar, sendo estas possibilidades laborais ocasionadas pelas grandes transformações de urbanização, tais como a criação da Rodovia Anhanguera em 1948 e a Avenida John Boyd Dunlop em 1953 (SANTOS, 2002), e a criação de indústrias na região do lado das ferrovias, perto dos rios. O rio desenvolveu um papel muito importante pois, foi a partir dele (do lado dele) que se criaram as ferrovias e em suas margens se localizaram as indústrias e as vilas operárias.

Nas experiências do lugar, no processo de percorrê-lo e nas narrações dos moradores, se desvelou que pela proximidade, pelas histórias comuns, pelas

características do terreno, como a diferença de relevo, pelas ruas que os delimitam e pelo rio que os junta, os bairros Vila São Bento, Jardim Miranda, Vila Manoel Ferreira, Jardim Santa Vitoria são aqueles que constituem este lugar. Estes bairros são pequenos, mas dentre eles os bairros menores são Jardim Santa Vitoria e Vila São Bento, o maior é o Jardim Miranda. As quadras que fazem estes bairros não têm uma forma reticular, pelo contrário, vão mudando de maneiras não tão estruturadas que fazem com que um só bairro tenha muitos tipos de ruas, variando segundo as funções ou a maneira como os moradores foram chegando lá, comprando os lotes e morando nesse lugar.

As escuras profundidades

As escuras profundidades acontecem quando nosso pé se afunda na areia das dunas, fazendo que nosso andar se torne pesado e o medo nos encha.

Já conhecia este lugar, ou isso pensava, pois suas casas e ruas já me eram conhecidas. Já eram muitas as vezes que havia ido a este lugar, muitas as vezes em que meus pés haviam pisado naquele chão. Os rostos que esse lugar havia apresentado até agora eram gratos, amáveis, até acolhedores.

Mesmo com esta familiaridade, certo dia, desde o momento em que descí do ônibus e meu pé direito tocou o chão do lado do Unimart Shopping, sabia que algo havia mudado. Não se tratava de outro lugar, pelo menos não inteiramente. Era mais como se a areia das dunas se movimentara com o vento, impedindo-me de

caminhar, como se uma força que até agora estava oculta ganhasse todo seu poder e algo se tornasse latente, presente.

Este lugar não me era desconhecido, mas havia nele características que, embora inconscientemente, ou melhor, intuitivamente, soubesse que existiam, eu não queria aceitar até aquele momento, e já que eu não havia dado um reconhecimento, ele o havia tomado com suas próprias mãos.

Estava com medo, me sentia observada. A situação era outra em relação a todas as minhas outras idas ao lugar: era observada e parecia que haviam olhos por todos os lados. Esta experiência era muito intensa, nesta vez sentia que eu também me mostrava no lugar e com isso me era mais vulnerável.

Procurei um refúgio, um lugar para poder estar, algo que me desse a tranquilidade, mais que a normalidade. Fui então àquilo que representava uma das coisas mais normais: se alimentar, fui a um restaurante. Tentei me misturar com as pessoas que ali moravam ou que trabalhavam, e por uns minutos fiquei tranquila, mas sabia que ainda havia olhos me observando de longe.

Quando saí do restaurante me senti inteiramente desprotegida, escutei uma voz, vi um rosto, mas não qualquer rosto. Era um rosto diferente, algo etéreo, abstrato, que se materializou de uma forma que não sei explicar, era mais real que qualquer outro rosto naquele momento. O lugar me gritou: “sai daqui!”

Até esse instante eu sempre soube que o lugar existia, em meus lugares de infância o sentia em meu coração e o vivia em cada poro da pele. Já havia compreendido racionalmente os sentidos de lar, da topofilia e topofobia, mas era a primeira vez que escutei ou que tive a consciência de escutar o lugar gritar, além de

reconhecer que era sua voz que falava. O lugar era alguém, era mais que a palavra no sentido literal e racional, era um ente e ele também podia expulsar.

Neguei-me a sair, optei por ignorar essa voz e muito mais por obrigação, do que por vontade, insisti em sair a percorrer o lugar. Havia poucas pessoas na rua e nas casas, nenhuma na praça. Este é um lugar de bairros antigos, nos quais boa parte dos vizinhos eram amigos ou pelos menos conhecidos. Um lugar com ar de familiaridade, de intimidade. Para as pessoas que estavam ali, porque ali moravam ou trabalhavam, era óbvio que eu não pertencia àquele lugar. Era essa a sensação, de não pertencimento, de não aceitação: me sentia como uma intrusa. O sentir que as pessoas percebiam que eu não era de lá, produziu naquele dia uma forte sensação de que não existia mais anonimato e seguramente nunca o havia estado, isso eu sabia, mas só agora o sentia.

Caminhei mais, mas o lugar e sua voz voltavam uma e outra vez: “Sai daqui! Sai daqui! Sai daqui!” Tentei me acalmar, mas um encontro assim não se pode evitar. Surgiam perguntas: Que fazia ali? Como conseguia ser nesse lugar? Como podia habitá-lo?

Não encontrava as respostas. Não consegui suportar mais e fugi. Era medo, era insegurança, era incapacidade de sentir plenamente, de atuar normalmente, de saber porque estava ali... fugi. Depois de um bom tempo, só foi possível voltar na companhia de uma amiga que já teve histórias com o lugar. Se não tivesse sido por ela não sei se teria voltado, no mínimo teria demorado muito mais para voltar.

Momentos vulneráveis

Os momentos vulneráveis, como apontam Marandola Jr. e Hogan (2006), são aqueles nos quais se cria uma insegurança existencial, pois neles surgem certas situações que criam fatores de risco e perigo. Estas situações levam em muitos casos a sentimentos de angústia e incerteza nas pessoas, que associam o lugar com sentimentos topofóbicos e como ameaças a sua maneira de habitar, conduzindo com isto a uma perda de confiança que possibilita um distanciamento do lugar.

Por ser tão importante na constituição dos bairros e do lugar, os momentos vulneráveis do rio se tornam mais visíveis nas experiências dos moradores. Em contrapartida, as outras manifestações das águas aparecem mais ocultas. Essas águas diferentes do rio, como a água da torneira, água da garrafa, água da chuva, água para beber, água necessária para viver, nosso suor, e todas aquelas outras águas que não haviam sido nomeadas, eram absorvidas ou encobertas por essa proximidade, sendo necessário grandes rupturas na normalidade para que fossem evidenciadas. Estas rupturas se apresentaram através de acontecimentos como inundações, secas, contaminação da água, falta de abastecimento, etc.

Deste modo, as pessoas só falaram dessas águas quando se referiam ao começo dos bairros, fazendo alusão às águas que saem pelo encanamento; águas que as pessoas recebem em casa graças a um sistema de abastecimento. Teve uma época em que não haviam os sistemas de abastecimento e na qual se precisava de caminhão pipa. O poço onde o caminhão pipa deixava a água ficava perto de onde agora está o Boteco de Jonino, onde sempre ficava muita água empoeçada. Assim, cada vez que os moradores iam pegar água, deviam trocar os sapatos e lavar os pés. O

caminhão pipa que levava a água para as caixas d'água passava a cada dois dias ou todos os dias, obrigando as pessoas a fazerem uma fila para poder pegar água, única fonte para se fazer tudo: cozinhar, lavar a roupa e a louça, o banheiro; ela devia durar até que o caminhão pipa voltasse. Nessa época, nas casas haviam fossas que ficavam no fundo dos terrenos. Depois, com o tempo, se instalaram banheiros que também ficavam no fundo da casa.

Com as inundações, acontecia algo bem diferente. Embora fosse uma mistura das águas da chuva com a água do rio, terminavam sendo atribuídas apenas às chuvas, embora percebidas no rio. Um dia, uma das moradoras falou sobre a diferença presente na água das chuvas: “a gente sabia que a inundação ia depender de para que lado fosse a chuva; se chovia muito para o lado da Anhanguera, não ia a ter enchente, mas se era para o lado do centro ia a ter enchente, pois para esse lado ficava a cabeceira do rio, mas depois de que foram feitas várias reformas tais como a canalização, não voltaram a ter inundações”.

Tempo de incertezas

Mas antes que em cada furo do crivo apareça uma gota e se prolongue num pinga-pinga ainda incerto, para depois todas juntas, de repente, se avolumarem num círculo de jatos vibrantes, é preciso aguentar a espera de um segundo inteiro, um segundo de incerteza em que nada me garante que o mundo ainda tenha água e não haja se tornado um planeta seco e poeirento como os outros corpos celestes mais próximos, ou que pelo menos exista água suficiente para que eu possa recebê-la aqui, no vão de minhas mãos, longe como estou de qualquer

represa e nascente, no coração desta fortaleza de cimento e asfalto... vem-me o pensamento de que a abundancia em que nadei até hoje é precária e ilusória, de que a água poderia voltar a ser um bem raro, transportado com esforço, eis o carregador de água com seu barrilzinho a tiracolo, dirigindo seu apelo às janelas para que os sedentos desçam e comprem um copo de sua preciosa mercadoria (CALVINO, 2001, p. 200).

Silêncio, nada mais que silêncio. Ninguém falava nada. Parece como se o problema de abastecimento de água, se a seca no estado de São Paulo não atingisse os moradores deste lugar. Em nenhuma das conversas com os moradores se falou da falta de água nos reservatórios, nem da necessidade de que chovesse mais, ou de que em qualquer momento podia começar um racionamento. Parecia como se ninguém soubesse ou ninguém quisesse tratar um tema tão escandaloso. A crise, por mais evidente que fosse, não surgia nas experiências, ocultada baixo um manto de incerteza frente à grande mobilidade com que as dunas se transformavam.

Nas dunas, as condições de mobilidade destes tempos conduzem a alterações nas formas contemporâneas de habitar, nas quais, como aponta Marandola Jr. (2014), surge uma era de incertezas própria desta época. Nesta era, as instituições e o governo não conseguem dar uma segurança existencial que permita um habitar enraizado, de modo que os riscos e as incertezas são incorporados pelos indivíduos. A incerteza se apresenta nas pessoas na dúvida de saber se em qualquer momento a água vai faltar.

A incerteza do que fazer se isso acontecer carrega de angústia as pessoas e não permite uma segurança existencial no deserto. A possibilidade de que em qualquer momento tenhamos que sair, como no conto de Calvino, a procurar água com barrilzinhos, ou voltar a precisar do caminhão pipa e do poço, criam uma angústia que ninguém sabe nomear e que fica oculta no silêncio.

Os sons do silêncio

Quando no deserto chega a noite com seu silêncio e escuridão, as dunas ficam mais enigmáticas, os ventos parecem ser outros e a paisagem com a qual já havíamos estabelecido alguma familiaridade ganha novamente um ar desconhecido, nos voltando a confundir, ajudando para que possamos nos perder no caminho. O diálogo entre a língua do homem e da terra se quebra. A água se volta muda e o silêncio, a falta de palavras, se apodera do lugar.

Diante disto, para seguir no caminho fenomenológico, no qual há hidropoéticas, se torna necessário inventar estratégias que nos permitam compreender o lugar e escutar a voz das dunas. A língua da água como língua da terra cobra aqui uma nova força através da qual consiga desocultar sentidos que na primeira instância aparecem ocultos. A voz das dunas precisa reinventar-se como canto das dunas para sair da naturalização que aprisiona o sentir-sentidos, e com este reinventar-se, nós também nos transformamos, mudamos escutando a água naquilo que achamos não ter água, olhando mais serenamente para o que nos rodeia, resgatando aquilo que Heidegger (1973) chama de poético, como o diálogo em que escutamos uns aos outros.



CANTO DAS DUNAS

Subo a uma duna e sento-me virado para leste. Se estou com razão, "aquilo" não deve demorar muito. Que procurariam aqui essas lavadeiras, a centenas de quilômetros dos oásis do interior? Leves destroços numa praia provam que um ciclone devastou o mar. Assim esses insetos mostram que uma tempestade de areia está em marcha; uma tempestade que vem de Leste, que varreu as borboletas verdes de suas palmeiras distantes. Seu anúncio chega até mim. É solene, porque é uma prova, solene, porque é uma pesada ameaça, solene, por conter uma tempestade, o vento de leste começa a soprar. Mal sinto seu leve suspiro. Sou o limite extremo que a espuma de sua onda lambe. A vinte metros atrás de mim ele não teria força para estremecer uma teia de aranha. Seu hálito quente envolveu-me uma vez, uma só, com uma carícia que parecia morta. Mas eu sei: durante os instantes que se seguem, o Saara toma respiração e vai dar seu segundo suspiro. Em menos de três minutos a biruta do hangar vai se encher. Em menos de dez minutos a areia turbilhonará no céu. Decolaremos naquele fogo, naquela roda de chamas do deserto.

Mas não é isso que me comove. O que me enche de uma alegria bárbara é haver compreendido por um leve sinal uma linguagem secreta, é haver farejado a tempestade como um primitivo, em que todo o futuro se anuncia por leves rumores. É ter lido a cólera do

deserto no fremir das asas de uma lavadeira (SAINT-EXUPÉRY, 1962, p. 70).

No mar nem tudo o que se escuta deve-se à água, assim também no deserto, nem tudo se remete à areia e ao sol. As dunas fazem seu canto graças ao vento que as movimenta e lhes dá vida e forma. Sem vento, dunas não são dunas e seu canto só se dá pela doação do ar do vento como fluir, movimento para a quietude da areia das dunas, doação de ondas de som, de vozes e histórias.

No relato de Saint-Exupéry, o homem consegue escutar na leveza da batida de asas de uma lavadeira (libélula) a voz do deserto. Nas asas deste pequeno animal se escuta uma tormenta de areia que está a centenas de quilômetros. Este homem estabelece um diálogo com a língua do deserto quando a recebe como doação, do mesmo modo que as dunas recebem a doação do vento. Somente quem está familiarizado com a língua do deserto pode compreender esta língua transbordante, tão diversa e complexa... enigmática. Língua da terra que apresenta uma mensagem de tanta importância em algo aparentemente tão insignificante como uma libélula.

Assim, como acontece com o homem da história, para poder escutar os cantos das dunas é preciso postar-se, no cuidado, esperando que o diálogo ocorra para que nossos corpos sejam capazes de sentir e perceber esse lugar, que se apresenta a partir da experiência.

Rio invisível

O ribeirão Piçarrão, embora fosse o mais visível, também podia se apresentar como um rio invisível. O significado do rio invisível não era o mesmo que do rio inexistente. A invisibilidade do rio tem mais a ver com os outros entes do que com o próprio rio. O rio, por si só, não mudou até o ponto de sumir; ele não se desvaneceu.

O rio tem que se fazer um leito para poder se manifestar, para ser escutado como as dunas e seus cantos, porque se uma coisa estava clara era que algo havia perdido, não completamente como para se tornar inexistente, mas algo o tornou invisível. O rio havia ganhado ou perdido alguma qualidade, alguma coisa e isso o tornava invisível aos olhos de muitos. Não estava visível para a maioria das pessoas porque suas experiências não os aproximava a ele, mas, talvez, se elas convivessem mais com o rio, se tivessem inclusive uma proximidade física, talvez escutariam a água do Piçarrão e sentiriam seu cheiro, ou se esse fosse um rio onde pudessem nadar ou pescar, talvez nesse instante suprimiriam a distância ganhada pela invisibilidade do rio.

O que é isto que faz invisível o rio?

Se você está no centro de Campinas e vai pela Avenida John Boyd Dunlop em direção à Rodovia Anhanguera, não vai enxergar que em frente ao Unimart Shopping, descendo uns quarteirões, lá por onde antigamente era a zona industrial de Campinas, está o ribeirão Piçarrão. Este rio parece absorvido pela cidade e seu grande avanço, nas suas proximidades tem um mar de cimento no qual ruas e casas foram delimitando-o, escondendo-o, como muitas vezes acontece com os rios

urbanos. O cheiro úmido do rio, o barulho da água golpeando contra as pedras, os animais, bichos e plantas perto dele são quase inexistentes, por isso você tem que se guiar por outras coisas para saber que ali tem um rio.

Uma vez uma das moradoras mais antigas contava como antigamente, na Vila São Bento, bem no início do bairro (quando havia menos pessoas e menos construções), ela saía para brincar bem perto do rio, a três quarteirões de distância. Quando sua avó precisava que ela voltasse para a casa era só sair até a porta da casa e chamá-la gritando e mesmo sem muito esforço dava para escutá-la, nessa época o rio parecia mais próximo. As coisas mudaram, a distância é sentida de outra forma, agora ao ter mais coisas entre as pessoas e o rio, tais como: avenidas, casas, carros, etc., a distância parece ser maior e embora siga sendo a mesma em metros, tudo parece mais longe, menos próximo.

O caracol e sua concha

Uns governam o mundo, outros são o mundo

Pessoa (2013)

No habitar contemporâneo urbano se cria uma habitar inautêntico na ideia de uma separação do habitar e do construir. Nele o construir que se dá nas experiências não se apresenta como um habitar. Mas se as pessoas não habitam

enquanto constroem, ou seja, se as pessoas não habitam com suas experiências: quando e onde habitam? Por acaso elas constroem no ar ou em outra dimensão diferente a do habitar? O construir neste habitar inautêntico se transforma em meio para um fim, do mesmo modo que a natureza e a água são meios para os fins do homem, separação que conduz ao mesmo tempo a uma ideia de um lugar externo a nós, separado de nós; concebido como uma extensão a ser preenchida, como uma realidade independente das coisas situadas nela.

Que lugar nos resta para habitar autenticamente? O homem não aparece plenamente, pois, seu modo de ser como construir não é propriamente um habitar, então, sua ocupação não aparece se o construir fica separado do habitar. Se oculta o “eu habito” na medida que “crio mundo”, e na mesma medida que deixo que esse mundo me crie. Incongruente separação que dirige a uma separação da terra, uma falta de escuta do canto da terra no canto das dunas.

Se as nossas vivências são na terra, de onde mais podem surgir as experiências de um homem que mora nela e com ela?

Esvaziando os significados do habitar como constante acontecimento do ser-aí sendo no mundo, o mortal do homem se nega mais uma vez para o homem que é na terra, que só habita graças a Terra; sua própria condição é negada. Hanna Arendt (2005) relata isto muito bem no prólogo de seu livro “A Condição Humana”. Ela afirma que o lançamento do primeiro satélite supõe uma vitória sobre a prisão terrena, uma passagem a mais para que esta humanidade não permaneça atada à Terra, e daí, nós criaturas atadas à Terra começamos a atuar como se fôssemos habitantes do universo. Começamos a atuar como se a Terra não fosse nossa morada, o que desencadeou um habitar inautêntico, que emergiu desta ideia de liberdade como

controle e dominação. Claro, a água não foge deste habitar inautêntico, também se vê falseada e ocultada por esta mirada.

Como deixar habitar e deixar-nos habitar? Responde Heidegger (2012c, p. 167), poeticamente: “[...] é a poesia que permite ao habitar ser um habitar, que cria lugar... é a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar”. Para habitar, o homem não é dono, mas sim pastor, ele não tem que controlar, mas deixar ser. O homem como sujeito cheio de méritos deverá compreender seu maior mérito e não deixá-lo se ofuscar pelos outros. O mérito do pastor do ser é permitir que as coisas se manifestem (HEIDEGGER, 2012a).

O escritor italiano Italo Calvino (2007) expressa a impossibilidade da separação entre o habitar e construir em seu conto “A espiral”, no qual narra as desventuras de um molusco e sua casa. O molusco queria fazer uma casa, um lugar para morar, ele só pensava que queria fazer, criava o momento do acontecimento, da construção que se tornava habitar poético; o molusco falava que sua concha “era uma coisa diferente de mim, mas igualmente a parte mais verdadeira” (CALVINO, 2007, p. 139).

Apontamos no conto de Calvino que a relação entre molusco e concha se dá de maneira em que o construir tem em sua essência o habitar heideggeriano (2012c), sendo este a parte mais verdadeira de todo construir, do mesmo modo que o habitar e o construir queriam dizer já um existir. No relato, podemos observar como o lugar que habita o molusco é parte da existência do mesmo molusco, parte de suas experiências e vivências e se dá em um ato de construção que só aparece no mesmo momento de se tornar ação, nem antes nem depois do fazer.

O molusco não pensava em fazer sua casa, não como um pensar considerado consciente ou racional, ou seja, não estava todo o tempo pensando em

fazer a concha, mas ele pensava sentindo, intuindo. Pensar, ao modo de Heidegger (2005), quer dizer um querer onde descansa o pensamento; um pensar no qual a concha se fazia ela mesma. Pensar que não era um estado de concentração constante, mas que também não era um estado de distração... era mais pensando sempre na coisa ou no fazer mais que na ideia de uma finalidade do fazer:

Posso dizer, portanto, que minha concha se fazia por si mesma, sem que eu aplicasse uma atenção especial em fazê-la acabar sendo mais de uma forma que de outra, mas isso não quer dizer que entretantes eu ficasse distraído, de espírito livre; ao contrário, aplicava-me naquele ato de secretar sem me distrair um segundo, sem jamais pensar em outra coisa, ou antes pensando sempre em outra coisa, dado que na concha não sabia pensar, como de resto não sabia pensar também em outra coisa, mas acompanhando o esforço de fazer a concha com o esforço de pensar em fazer alguma coisa, ou seja, qualquer coisa, ou seja, todas as coisas que teria sido possível fazer. Mesmo assim, não era um trabalho monótono, porque o esforço do pensamento que o acompanhava se diversificava em inumeráveis tipos de ações que podiam servir para fazer cada qual inumeráveis coisas, e o fazer cada uma delas estava implícito no fazer crescer a concha, volta após volta... (CALVINO, 2007, p. 139).

Veza após veza, diz o molusco, um pé depois do outro. Com cada caminhar, a cada veza fazia a casa... seu habitar. Movimentos de tensão e relaxamento, persistência e tranquilidade, força e leveza, beber de fora e secretar de dentro, para criar a concha, olhando o conjunto do de lá e do aqui, como um ato descentralizador de sair e voltar a si. Cada veza era um cuidar-se, cada veza implicava um fazer como construir; não havia ação, seja construir, seja fazer, que não ocasionasse alguma alteração no habitar. Achar que o construir está separado do habitar era tão ingênuo, tão irresponsável, tão pouco refletivo que era na realidade um não pensar, podendo

acarretar, em sua inconsequência, na própria destruição da concha e de seu morador. Era um não sentir e, portanto, um não pensar como um habitar inautêntico.

Sendo assim, com no habitar se constroem minhas experiências, é por meio delas que habito em uma sinfonia polirrítmica, no incessante movimento presente nas dunas, que estão em constante transformação. O molusco de Calvino, ao modo heideggeriano, edifica, levanta a concha, constrói um novo lugar neste mundo. Quando o habita e se cria numa ação de recepção e excreção, constrói a concha e com ela um mundo novo como *poiesis*; surge uma inserção, uma marca na terra que erige um lugar para seu existir. O fazer da concha-molusco, ou do molusco-concha, ou de um molusco que é em essência concha, ou da mesma concha que é em essência molusco ou como seja que ele se chame, é realmente uma ação de cuidado como manifestação da essência tanto do molusco como da concha.

No habitar urbano contemporâneo, é mais difícil que suceda o habitar autêntico do molusco-concha, pois ao não conceber o lugar que se constrói como parte de nós, este habitar não se cuida. Desta maneira, para superar um habitar que se impõe como inautêntico e para a possibilidade de um habitar poético no qual o homem possa compreender sua geograficidade, a essência da água aparece como manifestação do ser.

Enquanto o molusco-concha nos revela de forma tão clara a relação habitar-construir, o habitar poético; as hidropoéticas de um habitar poético no Piçarrão parecem um enigma difícil de compreender. A diferença do molusco que tem um atuar intuitivo e constante do seu habitar, o habitar no lugar Piçarrão é uma mistura que transcorria entre momentos em que o habitar e o construir eram a mesma coisa e momentos onde eles se distanciavam.

Mas como isto era possível?

No início dos bairros se dava um momento muito intenso, do qual surgia o resto das coisas. O que marcava este primeiro período era o fato de que geralmente o construir e o habitar podiam se olhar mais ligados. No caso de nosso lugar, as pessoas que foram morar o fizeram em boa parte por necessidade ou porque este lhes oferecia condições que outros não apresentavam. Um dos moradores chegou aqui porque era onde podia comprar uma terra e construir uma casa. Quando um dos moradores dizia para seus amigos que moraria neste lugar, eles faziam piadas, já que pra eles este lugar era um morro de querosene. Outra moradora chegou porque seus pais vinham para este lugar em busca de trabalho e ela, embora já fosse adulta, os seguiu. Ou seja, muitos dos moradores chegaram aqui à procura de um lugar para morar, mas foram muitos e diversos os fatores para que isto fosse possível, entre estes encontramos a criação da Anhanguera que permitia um maior movimento deste lado da cidade, um crescente processo de urbanização em Campinas, a presença de terras mais baratas do que em outras partes da cidade, a possibilidade de trabalhar nas indústrias próximas, ou como pedreiro, etc.

A chegada a este lugar está muito presente na memória de seus moradores e ainda mais forte nos que chegaram primeiro, pois eles, junto com os bairros, enfrentaram grandes dificuldades presentes em todo trajeto pelas dunas, tais como a falta de serviços públicos, problemas de acesso ao bairro, etc. Da mesma maneira que foram tão diferentes as circunstâncias que fizeram com que cada morador chegasse aqui, são igualmente diferentes os primeiros momentos de cada um deles. Este lugar foi constituído por constantes transformações, por constantes chegadas e saídas.

Nestas ocasiões, tanto no primeiro momento, da chegada dos primeiros moradores, como nos de muitas outras transformações que aconteceram no lugar, parecia maior o estado de alerta, de percepção frente às coisas e à escuta do

canto das dunas, do lugar. O ato de refletir, de pensar o habitar como um construir, parecia mais intimamente ligado. Temos como exemplo disto a casa, a primeira e básica construção, aquela que mais representa a união entre o construir e o habitar. Quando as pessoas fazem suas casas entregam nela sua própria existência.

Como o molusco e sua concha, a casa expressa essa união sagrada, mítica entre o habitar e o construir. Em cada detalhe, a vida vai se dar e manter, da mão do próprio caos do universo e das próprias coisas nunca pensadas, nunca planejadas, o incerto e o pouco provável também são casa, que se constrói em cada pedra, cada tijolo, na localização do banheiro, na forma e tamanho dos quartos, na luz que entra na casa, no verde que tem ou não no quintal, nas tomadas elétricas, nas janelas e suas formas, tudo é um ato que deve ter em si o respectivo cuidado.

Mas as pessoas fazem o que podem, o que está em suas mãos. Se enfrentam, se adaptam ou aceitam aquilo que não podem mudar. Assim fizeram os habitantes deste lugar, que constroem e habitam suas casas, tentando fazer do lugar seu lar, embora não este lhes oferecesse todos os serviços. Quando os moradores chegaram ao que agora é o lugar, se encontraram com muitas dificuldades. No entanto, havia muitos traços desse habitar poético, já que ao ser um momento em que se criava o lugar para eles e com eles, seu sentir era mais intenso.

O envolvimento visceral dos homens com a terra foi muito forte neste primeiro momento, o que se via refletido nas narrações de muitos dos moradores quando falavam que é isto esse lugar. Mas que sucedia com os outros momentos, aqueles que não pareciam ter um lugar especial e tão visível na memória? Será que em todo momento havia o mesmo caráter poético do primeiro?

Nem todo acontecer era inteiramente poético, nem todos os momentos inteiramente autênticos. Falar a partir da experiência desvelava como o

habitar com sua condição de crise excedia as condições radicais e polares, na qual se podia diferenciar o habitar poético do habitar inautêntico como se fossem extremos opostos. O rio foi uma das coisas que fez mais evidente isto. Nas narrações de vários dos moradores, o rio possibilitou nas experiências tanto um habitar autêntico como um inautêntico, se tornou tanto um lugar topofóbicos, como um topofílico, aparecendo em alguns casos como um lugar de lixo, inundações, pragas e doenças e em outros, como uma paisagem agradável para olhar, caminhar, sentir.

Das águas

A água como manifestação do ser pode chegar a nós de muitas formas, tanto no que se apresenta como algo nomeado, quanto no que não é permitido se apresentar, se dando como o inominado, aquilo que não é possível apresentar.

No habitar urbano contemporâneo, o rio não é a única manifestação da água pra olhar e compreender. Aparentemente, quando se pensa na água em uma cidade a primeira imagem que aparece é a do rio. Parece que as outras manifestações da água como a chuva, a água da torneira ou a água de garrafa só aparecem em momentos vulneráveis. No entanto, no lugar, a manifestação mais visível da água que encontramos nas experiências dos moradores foi o rio. Mesmo assim, sendo o rio a manifestação da água mais nomeada, muitas vezes ele não aparecia como rio. No urbano ele ganha outra aparência, mais degradada, mais corroída e que, na maioria das vezes, é explicada como culpa da cidade. Então, o rio na cidade muitas vezes é

pensado como um rio morto; porque está contaminado e não tem vida, nem flora ou fauna, porque tem uma cor escura, porque tem um cheiro de putrefação que entra pelo nariz e impregna todo o corpo, porque está canalizado e não tem vegetação perto, porque tudo isto faz com que ele seja algo distante e que não se possa nem se deseje entrar nele. De fato, se pensássemos em termos de ecologia, poderíamos chegar a definir a morte de um rio desta maneira: ligada às características biológicas, físicas ou químicas.

Em oposição a esta ideia de um rio morto, a experiência de vários dos moradores revelam um rio vivo. Como vemos na figura 3, “Semear”, as plantas semeadas pelos próprios moradores na margem do rio falam de uma apropriação, de um sentido de pertencimento e deste como um lugar habitado. Este é um lugar que havia acompanhado suas vivências e que fazia parte de suas memórias, que embora não estivesse nas melhores condições, falavam dele como um lugar para manter limpo e cuidado, um lugar para se apropriar e colocar plantas, cadeiras e mesas em suas margens... um lugar para ser e estar. O rio para eles era uma das melhores coisas de morar nesse lugar, uma das coisas que dava mais relevância ao morar ali. Assim, de forma geral, enquanto o rio nomeado na cidade como algo morto e da putrefação, o rio da experiência íntima pode ser o rio da vida.

Figura 3 - Semear



Fonte: Bernal, Diana, 2014.

As geograficidades dos moradores se expressam em suas memórias, sendo esta a que Heidegger (2005) chama como a congregação do pensamento que traz à presença tudo o que merece ser pensado, tudo o que merece ser sentido, ou seja, o que foi mais intenso em nossas experiências. Com estas memórias se constitui o lugar onde as hidropoéticas se inventam, se nomeiam no rio, que pode ser percebido nas imagens hídricas como vivo ou morto, a partir das experiências de habitar o lugar.

Rio sobre o rio

Figura 4 - O encontro dos dois rios



Fonte: Bernal, Diana, 2014.

Observamos na figura 4, “O encontro dos dois rios”, que neste lugar existem dois rios. Passei muitas vezes perto deles, também passei com outras pessoas, mas nenhum de nós havia percebido a presença de dois rios neste lugar. No rio haviam algumas diferenças e não se entendia certas mudanças nele, mas não sabia entender o porquê, muito menos imaginaria que as diferenças significavam a presença de dois rios. Até que um dia, um companheiro caminhante, ao se deparar com a mudança na água falou que deviam haver dois rios. Procuramos um bom tempo até que

encontramos a desembocadura de um segundo rio no Piçarrão, a ligação entre eles parecia estar oculta, parecia estar escondido. Este rio parecia estar tão oculto que inclusive para alguns dos moradores era desconhecido.

A relação entre os rios também ficava oculta para vários dos moradores, já que alguns deles também desconheciam a existência deste segundo rio. Só aqueles que moravam perto do segundo rio e que levavam mais tempo vivendo nesse lugar o reconheciam. Embora o rio fosse reconhecido por estes moradores, ele não possui um nome, o máximo nome dado foi um mais íntimo, de pertencimento: “nosso”.

Por outro lado, o ribeirão Piçarrão foi nomeado como o rio do Curtume, pois antigamente havia uma indústria de curtume na Vila Industrial, a montante, que fazia com que ele tivesse um cheiro desagradável muito forte. Apesar deste reconhecimento nos permitir pensá-lo como algo nomeado, algo trazido em sua presença, se oculta o rio Piçarrão debaixo deste nome, convertendo-o no Curtume, nesse lugar mal cheiroso e feio dos dejetos, esse rio que não merece chamar-se de “nosso” e que, portanto, não é completamente aceito na constituição do lugar.

O primeiro rio, não visível para muitos por seu tamanho e por suas próprias condições físicas, inominado, ou melhor, nomeado por alguns moradores como “Nosso rio”, era a forte evidência de que ele não precisava de mais nome do que “nosso”. Nele pudemos observar como na diversidade das complexidades das experiências que confluem no lugar se constitui o habitar, aparecendo este rio pra uns e para outros não e, mesmo assim, constituindo o lugar.

Mas isto não é assim para todos os moradores deste lugar. Aqueles que não fazem essa distinção entre o “Nosso” e o do Curtume, ou que não conhecem o pequeno, falavam do Piçarrão como o Piçarrão, embora ele tenha sido, em uma

época, o rio que levava os desperdícios do Curtume e ainda que se inundasse com frequência, é o Piçarrão... seu rio. Na variedade de experiências, o Piçarrão aparece também como lugar, seja por suas ruas marginais, seja pela área gramada de suas margens, seja pelas calçadas que acompanham seu curso. Assim, nomeado como um lugar; medo, perigo e risco de inundação são alguns dos sentidos relacionados a ele de forma mais direta.

Chuva

A chuva se mostra, no lugar Piçarrão, de três formas principais: inundação, goteiras e mais água, aparecendo as duas primeiras nas memórias dos moradores e a terceira por minha experiência no lugar.

Na primeira manifestação, as grandes quantidades de chuva faziam com que o rio inundasse, ocasionando grandes perdas, em especial nas casas mais próximas a ele. Neste caso, as experiências eram mais ligadas à origem ou a momentos anteriores à canalização do rio. Uma das moradoras lembrava muito bem que quando ela era criança, há uns quarenta anos atrás, o rio cresceu tanto que passou da margem que normalmente ocupava, se elevando até a ponte, que naquela época, era de madeira. Como o rio tinha um caudal muito forte, ela esperou até que seu avô passasse o rio e fosse com ela ao outro lado. Em outro caso, que o rio subiu muito, um morador teve que sair pela janela, pois a porta havia-se travado pela grande quantidade de água.

Como não podia mudar-se, ele abriu uma saída pelo teto da casa, para o caso de que isso voltasse a acontecer.

Na segunda, da goteira, também aparecia mais no começo do lugar. A maioria dos primeiros moradores não tinham muito dinheiro e suas casas se encontravam em construção, sendo que várias estavam com sérios problemas nos telhados. Quando chovia muito forte, as telhas das casas se moviam, obrigando os moradores e colocar baldes por conta das goteiras. Eram tantas que parecia que chovia mais dentro que fora.

A terceira manifestação chamada de mais água, aparecia em um dia após chuva. O ambiente ainda havia pequenas gotas de água pululando no ar. O lugar estava tecido por uma maré de ar enchido de água, dava para sentir que a umidade relativa havia mudado. Um frescor iminente preenchia o espaço transbordante de água.

O rio era mais forte, mais robusto, mais barulhento, fedido. Se ele teve um momento para se expressar, para mostrar sua vivacidade, era este. Nos caminhos já tão conhecidos algo mudou, desta vez o ribeirão Piçarrão repercutia em distâncias maiores e de maneiras mais fortes, ele parecia ter uma voz telúrica do rio. Na medida em que me aproximava mais ao rio, sentia o cheiro de água de rio, escutava o barulho de algo que até agora havia sido um silêncio. Ao chegar ao rio, se via como seu leito era um pouco maior, não tanto como em passadas épocas, mas como para lembrar o que havia sido e poderia ser, o que ainda era em meio de tudo. O rio era um rio, era mais cheiroso, mais sonoro. A água caída do céu havia lhe brindado uma vitalidade perdida.

Picho e lixo

Na figura 5, vemos pichações no tubo que atravessa o rio canalizado, nas suas partes mais altas, e em algumas mais baixas, mas ainda distantes, as mais próximas quase a um metro da água na margem e no cano sobre o rio, além de um carro velho. Imagens que expressam o que podemos encontrar nesta época nas proximidades do rio no habitar urbano contemporâneo.

Figura 5 - Nas proximidades o picho e o lixo



Fonte: Bernal, Diana, 2014.

Em outra época, mais pessoas iam ao rio, pescavam, trabalhavam como pedreiros e até nadavam, mas agora parece que o lixo é o único a entrar nele, como este carro, com os vidros quebrados e com claros sinais de corrosão nas portas. Ninguém se atreve a entrar no rio. A maior proximidade dos moradores se dá nas

margens do rio, com reflorestamento e bancos, mas essa é a máxima proximidade que conseguem.

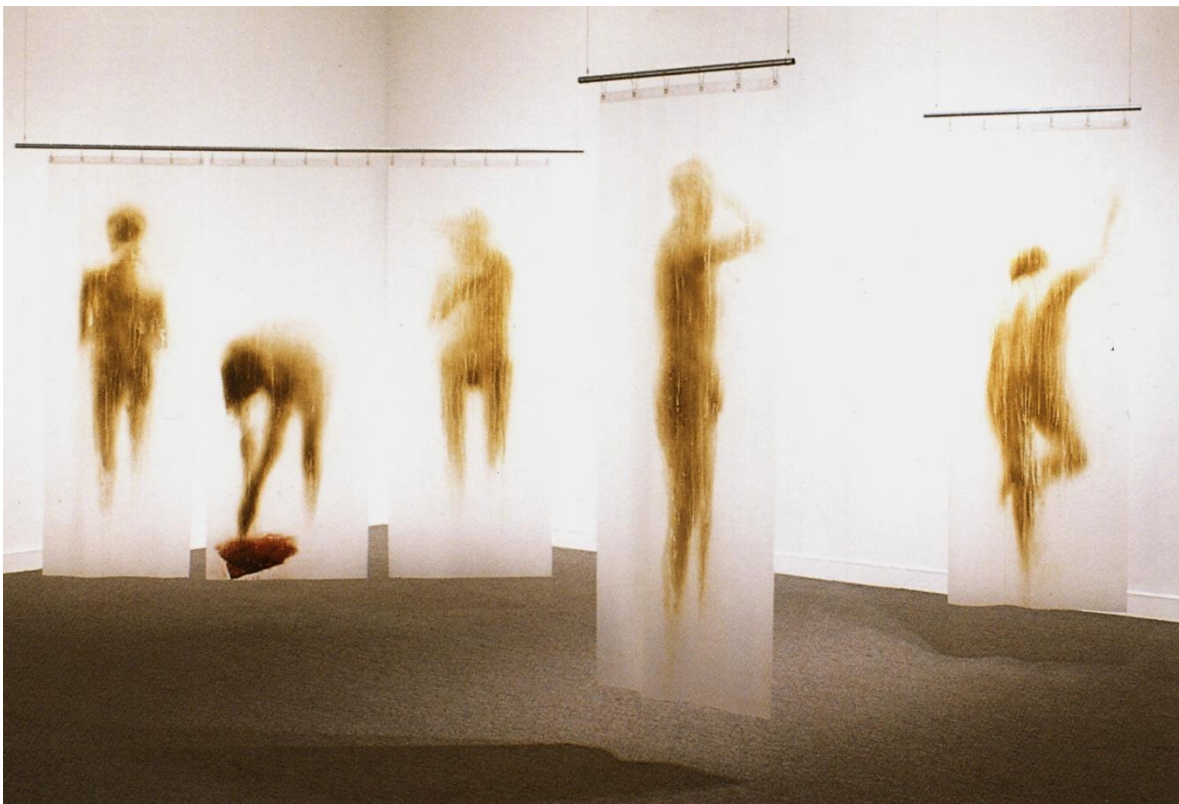
Os pichadores conseguem ir ainda mais perto, passando a margem que fica no nível mais alto. No entanto, eles tampouco entram no rio, pois já não é possível, ele está contaminado, ou pelo menos isso é o que fica na mente de todos. Só os pichadores entram até uma distância que para muitos é imprudente e perigosa, mas esse é justamente o motivo deles picharem. Eles vão contra a segurança da cidade, contra a normatividade estabelecida, escolhendo lugares arriscados para registrar suas marcas. Isso é o que grita por seu desenho: “nós chegamos onde é arriscado ir, o rio nas cidades é agora um lugar de lixo e por mais que vocês queiram disfarçar isso ninguém consegue se aproximar até onde nós (os contra tudo) vamos, com risco de perder nossa própria vida.”

O chamado da água

Ainda sentimos que algo falta nestes relatos, ainda precisamos escutar melhor o canto das dunas para que a rosa do deserto, que nasceu da ligação homem-terra, possa florescer novamente e os homens possam fazer seu habitar neste deserto. Para isso criamos este momento nomeado “O chamado da água”, ele não apareceu nas experiências do lugar, mas utilizamos sua imagem para refletir e deixar aberta a discussão sobre a água no habitar urbano contemporâneo.

Acabo de acordar, ainda sinto os olhos cheios de sono, mas estou perfeitamente consciente de que o gesto que faço para inaugurar meu dia é um ato decisivo e solene, que me põe em contato ao mesmo tempo com a cultura e a natureza, com milênios de civilização humana e com o trabalho das eras geológicas que moldaram o planeta... e sei que para que esse milagre se repita diariamente uma série de condições complexas deve estar reunida, razão pela qual a abertura de uma torneira não pode ser um gesto distraído e automático, mas um gesto que exige concentração, participação interior (CALVINO, 2001, p. 200).

Figura 6 - Cortinas de baño, Oscar Muñoz, 1985-1989



Fonte: <http://www.artishock.cl/2013/01/oscar-munoz-protografias/>. Acessado em janeiro 2015.

Utilizamos como imagens geopoéticas o conto “O chamado da água” de Italo Calvino e uma série de fotografias com o título “Cortinas de baño” do artista colombiano Oscar Muñoz. Estas imagens geopoéticas suscitam aquelas palavras que tanto precisam evocar-se, aquelas coisas que tanto precisam estar conosco em uma

proximidade que não se esqueça delas. Falam disso que justamente tratávamos no início deste trabalho, isto é, da experiência como isso que está onticamente próximo e ontologicamente distante. Nos mostram a assimilação rápida das coisas que nos faz olhar a água como sentido e não como horizonte de possibilidades. Essa urgente necessidade de perguntar pela água que surge tão intensamente na primeira parte desta dissertação é respondida neste perguntar: “Que é isso este lugar?” e lindamente expressa por estes artistas, cada um à sua maneira.

Este perguntar evocado por Calvino e por Muñoz se dá precisamente porque não sabemos que é a coisa mesma chamada água, por esse ocultamento de sua essência que acontece em nosso habitar. Porque ao não permitir emergir as geograficidades em nossas experiências não deixamos que apareçam as hidropoéticas.

Tanto Calvino como Muñoz narram umas das coisas mais cotidianas em nossas vivências: o ato de tomar uma ducha. No entanto, suas narrações tem outro sentido. Nelas algo tão naturalizado em nossa experiência ganha um novo significado, que envolve uma aproximação dos homens com a água, que é mais sentida, mais visceral. Calvino relata um dia de um homem que vai para a ducha tomar um banho. O ato de ir para a ducha podia se tornar o mais frívolo possível ou descrever-se da maneira mais supérflua possível, porém, Calvino junta duas condições para criar uma história que procura evocar o sagrado presente na água, na qual o homem não procura a simples banalidade de tomar um banho.

A história de Calvino é outra, ela vai além de uma instauração da água como simples funcionalidade. Ao contrário, o relato do banho (e com ele a água que sai da torneira) é um dos primeiros momentos do começo do dia, no qual esse homem, cujos olhos entreabertos e fechados, vai com uma consciência até a ducha e abre o chuveiro procurando algo mais que essa água funcional, desligada de toda relação sagrada. Ele sabe que aquela água é mais que simples gotas de água saindo

por um chuveiro e molhando seu corpo; esta água é um gesto que é interpretado por nós como um ato decisivo de contato entre a língua do homem e a língua da terra. Portanto, este gesto se inscreve como marca do habitar no diálogo entre o homem e a água-terra. Temos neste gesto conjunto os tempos da terra, com seus tempos geológicos e os milhões de anos que demorou essa água para ser ela e estar aí, e os tempos do homem e os milênios que precisou para criar suas civilizações, sua cultura.

O parágrafo do conto de Calvino termina no mesmo ponto que começa a fotografia de Muñoz, como duas histórias que são a mesma e, que embora não fossem narradas conjuntamente, nem pelas mesmas pessoas, se encontram nessa trama orientada pelo interesse da água como algo mais. Calvino termina dizendo que na abertura de uma torneira não se deve ver um gesto distraído e automático, e Muñoz continua ao modo de imagem: não, ele é mais e deve manifestar-se como mais!

As fotografias de Muñoz são o resgate de algo que precisou sair da normalidade que o circunscrevia para voltar a ter seu valor inerente. A simplicidade e perspicácia com que Muñoz consegue apresentar a água é surpreendente. Um aerógrafo pinta a imagem da fotografia através de uma peneira serigráfica, o movimento é a instabilidade própria da água e é transmitido pela mesma água; no momento de transmissão da imagem na peneira, ela é regada por água o que não permite uma fixação total do pigmento na figura.

O ato sagrado do banho é apresentado em cinco cortinas de banheiro penduradas no teto, cada uma sendo uma pequena cena de uma grande história. Nelas são projetadas as figuras de cinco corpos nus de mulheres e homens. Cada imagem expressa uma coreografia de encontro entre um corpo e a água manifesta no ato de se banhar. Na figura 6, “Cortinas de baño”, a primeira e a quinta imagem de esquerda para direita nos dão as costas, mas estão de frente para o chuveiro do qual sai a água; esses corpos estão recebendo a água, olhando-a diretamente em um ato de boas-

vindas, mas não existe uma só forma de receber a água. A segunda, a terceira e a quarta imagens estão dando as costas para a água e de frente para nós, espectadores. Nem por isso elas não recebem a água, ao contrário, estão recebendo a água pelo corpo e seu sentir, sem importar atrás e frente. Na quinta imagem, a pessoa está um pouco agachada e na segunda a pessoa está mais perto do chão e da terra que do chuveiro e o céu, porque a água e o contato com essa água-terra não precisa estar nas alturas, ela também está no mais íntimo e baixo contato. Finalmente, todas as imagens estão juntando água e pele em um ato que parece que é mais que simplesmente limpar o corpo de maneira funcional. O gesto de consciência ao qual se referia Calvino, a sugestão do tato como encontro, as gotas de água chegando à cabeça e deslizando pelo corpo até chegar ao chão, os braços estendidos para sentir essa água o melhor possível, os braços esfregando a água contra o corpo para que ela penetre nele num gesto concentrado e de cuidado.

Observamos que nestes relatos o canto das dunas se escuta com mais força. Neles, a água enquanto rosa do deserto desvela sentidos das hidropoéticas possíveis neste deserto. Ajudando com estes sentidos a um habitar poético no que o deserto possa ser lugar para morar e os homens escutem o chamado da água, para que a água possa ser água. O cuidado, o sentir, o experienciar cada contato com a água lhe dotando de um sentido que lhe brinde novas possibilidades para habitar que se erigem no construir do dia a dia.



HABITANDO O DESERTO

*“Cuanto más originario sea un pensamiento, tanto
más rico será lo impensado en él”*

Heidegger (2005)

Já no final de nossa história, depois de ter percorrido o deserto, de ter reconhecido os oásis, de ter mudado o andar para poder passar pelas dunas e voltar a escutá-las em seu canto, voltamos ao momento trágico em que a rosa do deserto é abandonada pelos homens, que não souberam ler nela a língua da terra. Nesse instante, tanto o deserto quanto os homens perderam algo muito importante: o poético.

A rosa do deserto ficou muito tempo abandonada, na solidão, sem homens, até que passados várias décadas voltaram a aparecer homens. Estes homens não conheciam tudo o que havia acontecido, muito menos como esta rosa do deserto havia resistido à passagem do tempo.

Assim como os antigos viajantes, levavam muitos anos caminhando pelo deserto à procura de um lugar para morar e não o haviam encontrado. Já conseguiam sobreviver no deserto, mas nenhum canto lhes havia gerado um sentimento que lhes fizesse ficar nesse lugar. Mas esta vez as coisas eram diferentes pois, embora levassem muitos anos percorrendo o deserto, era a primeira vez que viam uma rosa do deserto. E mesmo sem saber o sentido ou o significado da rosa do deserto, a surpresa de uma rosa feita de areia lhes havia encantado até o ponto de lhes despertar um profundo sentir e guiados por este sentir decidiram parar de viajar e criar suas casas aí. Eles não podiam entender completamente a razão de sua decisão de ficar nesse lugar e muito menos o grande segredo da rosa do deserto, mas podiam sentir que essa rosa lhes brindava algo que era necessário para poder estar ali; podiam sentir nela os traços de um habitar mais autêntico, de um habitar poético.

Assim, o mesmo deserto como o urbano e a mesma rosa do deserto como as hidropoéticas foram compreendidos pelos homens de duas maneiras, não porque eles fossem diferentes, senão porque uns conseguiram escutá-la, enquanto outros não, sendo para os primeiros uma ameaça da terra e para os segundos, um chamado da terra.

O urbano como deserto se apresentou num primeiro momento com uma representação catastrófica, ligada a uma ideia de crise geral de nossa época e do deserto como um lugar inabitável, sendo o afastamento da natureza e das pessoas desenraizadas as marcas deste habitar (KONDER, 1994). No entanto, quando compreendemos as experiências, o urbano se revelou por ele mesmo como um fio a mais na relação homem-terra, expressando um “vir-a-ser sem fim da espécie humana” (JATAHY, 1999).

A cidade, como nos mostra Calvino (1999) em seu livro “Cidades invisíveis”, não é uma só, ela é feita de diferenças; ela é mais que simples

planejamento e uma dimensão funcional, ela se dá na vida mesma, na dimensão existencial (ARGAN, 2005). A verdade é que mais que essas cidades pensadas como como objetos idealizados e controláveis, falamos de situações urbanas nas quais a vida mesma vai se tecendo “entre el caos y el desorden de la vida, donde convergen distintas maneras de ser en el mundo y de constituir lugares (GOMEZ, 2011).

Que os homens sentiram ou não a rosa do deserto, e que pudesse suceder no deserto do urbano tanto um habitar poético como um habitar inautêntico, não significa uma contradição na própria essência do habitar e no deserto e sim uma ambiguidade. Pelo contrário, isso revela aquilo que mostra Heidegger (1973) sobre o habitar poético: embora nossa época tenha grandes dificuldades para um habitar poético, ainda há neste habitar a sua essência do poético. Assim, a razão pela qual podemos falar de um habitar não poético é porque o poético está nas profundezas de todo habitar, sendo este caráter a “capacidade fundamental do modo humano de habitar” (HEIDEGGER, 2012d, p. 179).

Nas experiências do nosso lugar, revelou-se essa ambiguidade do habitar urbano contemporâneo, tendo tanto um habitar poético, quanto um habitar inautêntico. Nossa grande dificuldade para escutar o lugar e compreender seus limites, sua constituição e dotá-lo de sentidos se viu refletida na incapacidade para nomeá-lo.

A razão disto trata de um sentido de desenraizamento presente no habitar urbano contemporâneo, pela forma como os lugares são construídos nesta época, expressando-se com esta falta de nome que, como nos mostra Heidegger (2003b), pode significar uma falta de apropriação, de proximidade com o lugar. Deste modo, a incapacidade de nomear o lugar revelou um distanciamento dele e o grande ocultamento que nele acontece.

Nessa ambiguidade de um habitar urbano contemporâneo em crise com traços de um habitar poético, pudemos encontrar que, pelas fissuras das experiências particulares, manifestações das hidropoéticas, mesmo que apenas por momentos ou na forma de vislumbres. Sentimos em várias das experiências essa forte ligação homem-água necessária para as hidropoéticas, apresentando-se momentos em que as manifestações da água conseguiam sair dos sentidos da água já instaurados nessa cisão do homem com a terra. Estes momentos foram, em sua maioria, mais vulneráveis ou de mais encantamento com a água, tais como: inundações, falta de abastecimento, goteiras na casa, um rio chamado de nosso, bancas na margem do rio, etc.

Embora estes momentos tenham se manifestado poucas vezes, sendo muito maior o ocultamento da água, sua revelação permite vislumbrar a possibilidade de criar um habitar poético. Vemos que, tal como aponta Heidegger (2012d), o poético não se deixa apropriar em qualquer época, mas ele também não desaparece, só se mantém oculto, esperando por homens que compreendam um construir ligado com um habitar. Do mesmo modo, as hidropoéticas não são possíveis em todo o habitar, mas estão sempre presentes, embora possam estar ocultas, pois fazem parte dessa essência própria do poético do habitar.

Desde uma ontologia, e com as dificuldades próprias de uma pesquisa fenomenológica, conseguimos revelar vários sentidos das hidropoéticas no habitar urbano, ajudando tanto a Geografia Humanista, quanto o Pensamento Ambiental, em sua procura por uma relação profunda entre o homem e a terra. As hidropoéticas, como maneiras de deixar ser a água, ou seja, de permitir se manifestar a essência da água, deixam livre aquilo que tem sido ocultado, expressando pelas experiências do lugar que a essência da água faz parte de nossa própria existência. Assim, desvelam o

ocultamento presente na geografia física e na crise ambiental que concebe água desde o ôntico e não o ontológico.

As hidropoéticas fundadas no lugar, ao se revelar como geograficidades, reconhecem as circunstancialidade desse ser-no-mundo. Só através da proximidade vigente nas hidropoéticas podemos falar de um co-pertencimento mútuo, no qual é possível suturar a cisão homem terra, permitindo com isto uma naturalização do humano e uma humanização da terra e, assim, o habitar poeticamente o deserto.

Enquanto imagem geopoética, a rosa do deserto possui sua potência como hidropoéticas no poder ser algo que se vai dando, pois o florescimento não é algo que possamos ter como algo dado e eterno, pelo contrário, exige uma constante e paciente atitude de cuidado, para que estas rosas possam florescer uma e outra vez. Justamente por isto, as hidropoéticas estão em constante construção, tornando nossa tarefa de habitar poeticamente o deserto incompleta, como é incompleto todo pensar que se pense a si mesmo, e da mesma maneira que o habitar é algo que vai se construindo.

Nossa única certeza é que precisamos seguir escutando a voz da água que é terra. Por agora, vislumbramos como prováveis caminhos para as hidropoéticas pensar, como nos diz Ana Patricia Noguera (2004), em um reencantamento do mundo a partir do qual predominem relações de cuidado e não de poder, pois só no cuidado é possível compreender, escutar ao outro e fundar lugares. Pedimos por um reencantamento no qual continuemos deixando as coisas serem, onde a língua da terra ganhe a relevância que merece. Neste reencantamento, se deve visar que, como aponta Morujão (2000), fazendo referência ao pensamento heideggeriano, uma liberdade que não seja reduzida a uma simples qualidade do homem, numa independência da terra, mas numa liberdade em relação ao mundo; que permita que uma coisa venha a ser

conhecida, isto é, uma “[...] liberdade que não é do homem, mas que se realiza no homem” (MORUJÃO, 2000, p. 120) e que possibilita a liberdade do ser.

“Acima da realidade está a possibilidade”

Heidegger (2012)



REFERÊNCIAS

- ÁNGEL MAYA, Augusto. **El reto de la vida**. Bogotá: Eco fondo, 1996.
- _____. **El retorno de Ícaro**. Bogotá: PNUD, PNUMA, IDEA ASOCARS, 2002.
- ARENDDT, Hannah. **La condición humana**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2005.
- ARGAN, Giulio. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tiempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Madeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BELO, Fernando. **Heidegger pensador da terra**. Portugal, Corvilhã: LUSOSOFIA, Universidade da Beira Interior, 2011.
- BERNAL, Diana; MARANDOLA JR., Eduardo. Hidropoética del habitar y vulnerabilidad: la potencia del lugar en el contexto de la crisis ambiental. WATERLAT-GOBACIT NETWORK WORKING PAPERS. Thematic Area Series — SATAD TA8 — Water-related Disasters . New Castle: v. 1, n. 1, 2014, p. 158-172.
- BRUNI, José. A água é a vida. São Paulo, **Tiempo social**, 5 (1-2), p. 53-65, 1994.
- CALVINO, Italo. **Um general na biblioteca**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Todas as cosmicômicas**. Tradução Ivo Borroso, Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAPRA, Fritjof. **La trama de la vida**. Una nueva perspectiva de los sistemas vivos. Barcelona: Anagrama, 1999.

CARMO, Ricardo; HOGAN, Daniel Joseph. Questões ambientais e riscos na Região Metropolitana de Campinas. In: PINTO DA CUNHA, José M. (org.). **Novas metrópoles paulistas: População, vulnerabilidade e segregação**. Campinas-SP: NEPO/UNICAMP, 2006, p. 581-604.

DALÍ, Salvador. **Sí**. España: Editorial Ariel, p. 173-179, 1977.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Rizoma**. Tradução de José Vásques Pérez y Umbelina Larraceleta. Valencia: Pre-textos, 2010.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Vulnerabilidade do lugar em Bairros de Campinas. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. (Orgs.). Vulnerabilidade do lugar e riscos na Região Metropolitana de Campinas. **Textos NEPO** (UNICAMP), v. 62, p. 23-50, 2011.

GOMEZ, Diana. **La calle política, la calle habitada enclave del pensamiento estético-ambiental: Coreografías de contacto en el espacio urbano**. Manizales: Universidad Nacional de Colombia sede Manizales, 2011.

GRATÃO, Lúcia Helena. (À) Luz da Imaginação!. O Rio se revela na voz dos En. 28, p. 89-120, 1º Sem. 2007.

_____. O 'Olhar' A Cidade Pelos 'Olhos' Das Águas. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 199-216, mai./ago. 2008.

HEIDEGGER, Martin. El origen de la Obra de arte. In: _____. **Arte y Poesía**. México: Breviarios del Fondo de cultura Económica, 1973.

_____. A linguagem. In: _____. **A caminho da linguagem**. Tradução Mario Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP :Editora Universitária São Francisco, 2003a.

_____. A linguagem na poesia. In: _____. **A caminho da linguagem**. Tradução Mario Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP :Editora Universitária São Francisco, 2003b.

_____. **Que significa pensar**. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

_____. **Ser e tempo**. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Ed. Unicamp, 2012a.

_____. A questão da técnica. In: _____. **Ensaaios e conferencias**. Tradução de Emmanuel Carneiro, Leão Gilvan Foge e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012b.

_____. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Ensaaios e conferencias**. Tradução de Emmanuel Carneiro, Leão Gilvan Foge e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012c.

_____. “...Poeticamente o homem habita...”. In: _____. **Ensaaios e conferencias**. Tradução de Emmanuel Carneiro, Leão Gilvan Foge e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012d.

_____. A coisa. In: _____. **Ensaaios e conferencias**. Tradução de Emmanuel Carneiro, Leão Gilvan Foge e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012e.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Hiperión o el eremita en Grecia**. Madrid: Ediciones, 2007.

HUSSERL, Edmund. **La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental**. Tradução e estudo preliminar IRIBARNE, Julia V. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, 1 ed.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: Eduardo Marandola Jr.; Werther Holzer; Lívia de Oliveira. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?**. 1ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, p. 281-304.

_____. Sobre Territórios e Lugaridades. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 18-29, 2013.

JATAHY, Sandra. **O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.

KONDER, Leandro. Um olhar filosófico sobre a cidade. In: Robert Moses Pechman (org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed, UFRJ, 1994.

MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica em busca da experiência. Goiânia: **Terra livre**, ano 21, v. 2, n. 25, p-67-79, Jul-Dez/2005.

_____. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. Campinas: **Rua** (Unicamp), n. 12, p. 45-58, 2006.

_____. Geosofia e Humanismo – do Conhecimento Geográfico à Geografia do Conhecimento. In: KATUTA, Angela; SILVA, William (orgs.). **O Brasil Frente aos arranjos espaciais do século XXI**. Londrina: Edições Humanidades. p. 269-297, 2007.

_____. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar urbano. **Caderno de Geografia** (PUCMG), v. 18, p. 39-58, 2008.

_____. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (orgs.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: Edufba, 2010, p. 21-32.

_____. Vulnerabilidade do lugar: construção de um objeto e de uma metodologia em população e ambiente. **Textos NEPO** (UNICAMP), v. 62, p. 13-22, 2011.

_____. Lugar enquanto circunstancialidade. In: Eduardo Marandola Jr.; Werther Holzer; Livia de Oliveira. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 227-247.

_____. **Habitar em risco:** mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel. As dimensões da Vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./mar. 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo; DE PAULA, Fernanda; DE PAULA, Luiz Tiago. Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência de Campinas. **Textos NEPO** (UNICAMP), v. 64, p. 001-102, 2012.

MORUJÃO, Carlos. **Verdade e liberdade em Martin Heidegger**. Lisboa: Piaget, 2000.

NOGUERA, Ana. **El reencantamiento del mundo:** Ideas filosóficas para la construcción de un pensamiento ambiental contemporáneo. México: PNUMA /ORPALC Serie PAL • 11 - Universidad Nacional de Colombia Sede Manizales, 2004.

NOGUERA, Ana; PINEDA, Jaime. Cuerpo-tierra: epojé, disolución humano-naturaleza y nuevas geografías-sur. **Geograficidade**, v. 4, n.1, verão, 2014, p.20-29.

NOGUERA, Ana; BERNAL, Diana. Tensiones entre el mundo tecnológico y el mundo de la vida. Colombia: **Logos**, No.23, 2013a, p. 21-37.

_____. La naranja azul: el agua en la era planetaria. Manizales: **inédito**, 2013b.

ONU-ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS, UN WATER. **Un objetivo global para el agua post-2015: Síntesis de las principales conclusiones y recomendaciones de ONU-AGUA.** 2014

OVIDIO, Publio. **Metamorfosis.** Traducción de Antonio Ramírez de Verger Jaén y Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Alianza, 1998.

PARDO, José Luis. **Sobre los espacios pintar escribir, pensar.** Barcelona: Serbal, 1991.

PESSOA, Fernando, **O livro do desassossego.** São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2013.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. **El desafío ambiental.** México: PNUMA, 2006.

PYÑEIRO, Nidia. Agua y semiótica. Chile: **Revista Polis.** No.14, 2006.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?.** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281- 304,

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terra dos homens.** Tradução de Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

_____. **O pequeno príncipe.** Tradução Dom Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANTOS, Antonio Da Costa. **Campinas, das origens ao futuro:** compra e venda da terra e água em um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992). Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SARAMAGO, Ligia T. **A topologia do ser:** lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Editorial PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

_____. Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?.** 1ed.São Paulo: Perspectiva, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensayo sobre la ceguera.** Madrid: Santillana S.A, 1996.

SEIBT, Cezar. Heidegger: da fenomenologia 'reflexiva' á fenomenologia hermenêutica. **Princípios revista de filosofia**, v. 19, n.31, p. 79-98, Janeiro/Junho de 2012.

SERRES, Michel. **El contrato Natural**. Barcelona: Pretextos, 1991.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. A cidade e sua distância da natureza. **Geograficidade** v. 3, n.3, p. 4-13, 2013a.

_____. **Espaço e lugar**: e perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013b.